



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: O ESPORTE ALTERNATIVO NA
VISÃO DOS PROFESSORES**

André Moura Neves

Brasília – DF

2017

André Moura Neves

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: O ESPORTE ALTERNATIVO NA
VISÃO DOS PROFESSORES**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade
de Educação Física da UnB como requisito básico para
conclusão do curso de Educação Física.**

Orientador (a): Rosana Amaro

Brasília – DF

2017

Dedico este trabalho a Deus, a minha família, pois ela é a minha fortaleza e a minha fonte de dedicação, aos meus amigos de curso de graduação por terem me acompanhado nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois foi ele que me iluminou e me guiou em todo o meu percurso de vida até chegar aos dias atuais. Agradeço aos meus familiares que apoiaram o meu processo de formação e me ensinaram a nunca desistir diante dos obstáculos encontrados nesta trajetória. Aos meus amigos de curso, que me ajudaram quando eu mais precisei e por tornar o andamento do curso menos penoso com as piadas e palhaçadas feitas em um grupo de amigos. E por fim, agradeço a minha orientadora, a professora Rosana Amaro, por ter me ajudado na construção deste trabalho, com a orientação através de conhecimentos que serão necessários para o meu aprimoramento como profissional da área em um futuro não tão distante, além disso, dificilmente eu encontraria uma pessoa tão atenciosa, dedicada e com tamanha paciência nos momentos em que eu mais precisei, por isso eu só tenho a agradecer a Mestre e Doutora Rosana Amaro. E também agradeço a Doutora e professora Cláudia Goulart, pois foi a minha orientadora nos meus dois semestres iniciais no TCC, onde a mesma me concedeu oportunidade de melhorar como aluno e como pessoa e acreditou nos primeiros passos deste trabalho.

Obrigado a todos vocês!

RESUMO

O presente trabalho procurou saber a visão dos professores de Educação Física acerca dos esportes alternativos como prática pedagógica no ensino médio das escolas públicas do Guará-DF, relacionando se aplicação desse tipo de conteúdo influenciaria significativamente na participação ativa dos alunos do ensino médio nas aulas de Educação Física. Para o andamento do estudo, foram entrevistados quatro professores que dão aula na rede pública para turmas do ensino médio. Tais professores foram selecionados a partir de um mapeamento das escolas públicas do Guará I e II. Notou-se que grande parte dos professores são adeptos a conteúdos esportivos variados nas aulas de educação física do ensino médio. No entanto, os mesmos evidenciaram que o professor de Educação Física é o principal agente renovador que estimulará nos alunos conhecimento e vivências de variadas formas da cultura corporal. Logo, ao mesmo tempo em que o professor é capaz de modificar a realidade do aluno com conteúdos enriquecedores e que manifestem uma pluralidade de conhecimentos, ele também pode levar os alunos a um grau de desmotivação nas aulas a partir do momento em que perpetua conteúdos repetitivos, pedagogia e concepções que já não se situam na época em que vivemos.

Palavras Chave: Educação Física Escolar, Motivação nas aulas de Educação Física, Esportes Alternativos.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	7
1. REFERENCIAL TEÓRICO	10
1.1. CONTEXTO HISTÓRICO EDUCAÇÃO FÍSICA	10
1.1.2 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	19
1.2. EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	31
1.3. MOTIVAÇÃO DO ALUNO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	32
1.4. ESPORTES ALTERNATIVOS NA ESCOLA.....	35
2. DELINEAMENTO METODOLÓGICO	42
2.1. OBJETIVO DA PESQUISA	42
2.1.1 Objetivo Geral	42
2.1.2 Objetivos específicos.....	42
2.2. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	43
2.3. SUJEITOS DA PESQUISA	46
2.3.1. Perfis dos Professores Entrevistados.....	48
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	53
3.1. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	54
3.3. RELAÇÕES DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS COM OS ESPORTES ALTERNATIVOS.....	59
3.4. ANÁLISES DOS POSSÍVEIS FATORES QUE PODERIAM DESMOTIVAR O ALUNO E SE OS ESPORTES ALTERNATIVOS OS MOTIVARIAM.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78

REFERÊNCIAS.....	83
-------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Enquanto componente curricular a Educação Física vem enfatizando nos esportes tradicionais como conteúdo no ensino médio, o que acaba evidenciando as repetições de conteúdos já vistos no fundamental (DARIDO, 1999). Diante dessa realidade, seria importante abordar uma alternativa de ensino onde poderíamos utilizar na educação física do ensino médio, para que ela possa ser enxergada por aqueles que a utiliza como meio, como uma oportunidade de atingir o indivíduo como um todo, além de realçar a disciplina enquanto componente curricular levando mudanças significativas nos alunos.

É evidente que as aulas de Educação Física dão mais ênfase nos esportes, gerando um processo de hegemonia esportiva nos seus conteúdos. Os esportes dentro da escola estão voltados para os tradicionais como futsal, vôlei, basquete e handebol, além do mais, eles são ensinados da maneira reducionista por muitos professores, onde sempre dão mais importância na competição exacerbada e no alto rendimento. Segundo Kunz (2004, p. 125), “o esporte ensinado nas escolas enquanto cópia irrefletida do esporte competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a grande maioria”. Nesse processo de conteúdos para além dos tradicionais, poderíamos nos utilizar da aplicação dos esportes alternativos, tendo em vista que a manifestação de conteúdos esportivos de outras culturas, de outros países e a diversidade de esportes no Brasil que, em muitos casos, não são vivenciados nas aulas do ensino médio, podem influenciar de maneira significativa na motivação dos alunos.

A Educação Física se dispõe de instrumentos que facilitam na introdução de qualquer conteúdo dentro da escola. Além da metodologia que o professor poderá utilizar em suas aulas o lúdico, a cooperação e a competição são ótimas ferramentas que podem ser tematizadas no envolvimento dos alunos com a possibilidade de aplicação dos esportes alternativos, além de trabalhar efetivamente características da personalidade, do emocional e do caráter. Talvez essa junção dos esportes alternativos com esses meios que ainda são pouco utilizados no ensino médio, devido à grande prevalência dos esportes tradicionais e do “rola bola”¹ na realidade escolar, seja um fator importante na motivação dos alunos na disciplina.

Deste modo, este trabalho se utilizará de estudos importantes e que tenham relação com o tema abordado, onde autores como Darido (2004), Darido (2001), Santos e Nista-

¹ O termo “rola bola” é utilizado dentro de debates acerca da Educação Física escolar para caracterizar uma aula cômoda e displicente em que o professor só entrega a bola para os alunos jogarem.

Piccolo (2011), Soares (2004), Betti e Zuliane (2002), Costa (1997) e Medina (2007), serão bastante evidenciados para fundamentar os pilares estruturais deste estudo, assim como outros autores que serão suscitados e farão parte da fundamentação teórica e da discussão e resultados. Por conseguinte, todo esse contexto que faz parte do ambiente escolar e que estão profundamente interligados com a educação física na escola é que permearão este estudo levantando questionamentos, tais como: Os Esportes Alternativos podem ser utilizados no ensino médio como conteúdo escolar? Qual seria a importância do professor como mediador desses conteúdos? Contribuem na motivação dos alunos no ensino médio?

Essas questões norteadoras irão nos ajudar a analisar a influência dos esportes alternativos como conteúdo e na formação do processo de ensino/aprendizagem dos alunos no ensino médio nas escolas públicas do Guará-DF. Além disso, observaremos nas falas dos professores quais motivos estariam desvalorizando ou valorizando a Educação Física escolar; identificar a relação dos professores com os esportes alternativos e os fatores que permeiam possível aplicação desse conteúdo em suas aulas; identificar quais fatores poderiam levar os alunos a não participarem das aulas de Educação Física e se os Esportes Alternativos contribuiriam na motivação dos mesmos.

Figura 1-Mapa da Pesquisa "A importância dos esportes alternativos no processo de ensino/aprendizagem dos alunos de educação física do ensino médio nas escolas públicas do Guará-DF"



Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo traz todo um aprofundamento em assuntos que pensamos ter total relação com este trabalho. Por isso, nessa fase inicial iremos tratar um pouco sobre a história da Educação Física no Brasil (referente ao subcapítulo 1.1.) e todo seu caminho até chegar aos dias atuais, o contexto da Educação Física na escola (referente ao subcapítulo 1.2.) onde abordaremos os objetivos da educação física no ensino médio, logo em seguida levantaremos os aspectos motivacionais que permeiam o aluno (referente ao subcapítulo 1.3.) e, por fim, finalizaremos com uma breve inserção sobre os Esportes Alternativos (referente ao subcapítulo 1.4.).

1.1. Contexto Histórico Educação Física

Com o passar dos anos a Educação Física no Brasil foi se desenvolvendo exponencialmente como uma área da saúde e da educação. Esse desenvolvimento teve como objetivo uma valorização da área e uma melhor eficiência e qualidade no que se refere a dar com o humano por inteiro. Atualmente, a educação física já consegue atuar dentro e fora da escola, por isso, com a evolução da educação física no Brasil, podemos ver um melhor empenho dos pesquisadores e estudiosos com o objetivo de melhorar e aprimorar mais ainda os espaços que a educação física preenche como área da saúde/educação.

E num empreendimento como este, o profissional da Educação Física tem uma função relevante a exercer, pois ocupa uma posição institucionalizada já há longo tempo; logo, privilegiada para dar respaldo de cunho educativo e social para escolares, atletas e um grande número de pessoas explicitamente preocupadas com o corpo. (MEDINA, J.P.S., 2007, p.14)

No âmbito extraescolar, ela atua de forma mais segmentada para tentar atender os gostos específicos de cada grupo da sociedade, no entanto, sabemos muito bem que existem bastantes espaços vazios que poderiam ser preenchidos pela educação física, onde ela poderia sair do âmbito do indivíduo e atuar em espaços macro determinantes. Já no âmbito escolar, “[...] entende-se a Educação Física na escola com uma área que trata da cultura corporal e que tem como finalidade introduzir e integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la. Nesse sentido, o aluno deverá ser instrumentalizado para usufruir dos jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida” (DARIDO, 2004, p.61).

Podemos dizer que a nossa área já evoluiu consideravelmente em relação há tempos atrás, principalmente no âmbito escola, considerando os objetivos que tiveram de ser conquistados para chegar a Educação Física que temos hoje.

Portanto, para que possamos compreender todo esse processo complexo da Educação Física até ela ocupar o espaço que se encontra hoje e chegar ao patamar aonde chegou se faz necessário compreendermos a sua origem, os fatores que levaram o seu crescimento e a sua popularização, as ideologias e concepções que ela carregava em seu seio e como ela foi utilizada, dependendo da época, como aparelho ideológico e como instrumento de alienação do indivíduo². Com isso, esses e outros aspectos serão abordados nessa etapa do trabalho para servir de sustento na tese deste estudo e para uma compreensão maior do que a Educação Física foi e representou no decorrer da história até chegar no que ela é hoje.

No decorrer da história, entre o século XVIII e XIX, a Educação Física foi utilizada como aparelho ideológico conforme a condição em que a sociedade Europeia daquela época se encontrava. Ela servia como ferramenta na mão de um país ou determinada classe para promover e inculcar hábitos e modos de vida. Com o crescimento da urbanização desordenada e da industrialização na Europa, começou a ocorrer surtos de epidemias, aumento dos casos de febre amarela e cólera, mostrando a situação precária do aumento da sociedade daquela época. Ao mesmo tempo o Estado precisava da sua mão de obra, dos seus trabalhadores em perfeito estado para produzir e fazer o país enriquecer, já que esses casos frequentes de febres e epidemias impossibilitariam os trabalhadores de estar em perfeitas condições para exercerem as suas funções na fábrica, o que geraria a paralisação das engrenagens do crescimento econômico.

A burguesia começou a reconhecer a necessidade de oferecer “melhores condições” de saúde para às classes pobres, não por compreender a realidade precária que parte da sociedade se encontrava, mas por almejar o crescimento e enriquecimento do próprio país. Diante dessa realidade passaram a adotar um discurso mais moralizador voltado para questões higiênicas. Para Soares (2004, p.11) “É este discurso que incorpora a Educação Física e a percebe como um dos instrumentos capazes de promover uma assepsia social, de viabilizar esta educação higiênica e de moralizar os hábitos.” Logo, com o intuito de manter a força de trabalho, promove-se uma educação higienista que forneça a criação de hábitos novos, gerando trabalhadores mais saudáveis.

² Este trecho diz respeito a assuntos que iremos abordar neste capítulo baseado na obra de Carmen Lúcia Soares “Educação Física: Raízes Europeias e Brasil”.

Esse foi um movimento criado em meados do século XIX, chamado de moralização sanitária³, onde tinha a audácia de argumentar que a classe mais pobre vivia em condições precárias o que acarretavam doenças por não obedecerem às regras impostas pelas classes dominantes. As próprias pesquisas na época fundamentavam o discurso da burguesia para que a população tivesse uma melhor aceitação em aderir os novos hábitos saudáveis. O que não quer dizer que o movimento higienista não trouxe benefício, pelo contrário, trouxeram sim, mas, vale ressaltar novamente que a saúde, a Educação Física e tantas outras áreas de conhecimento eram bastante utilizadas como aparelho ideológico, portanto, mesmo tendo uma função aparentemente voltada para manter a classe pobre em condições saudáveis, o que se encontrava nesse discurso era nada mais e nada menos do que uma forma de controle para exercer uma autoridade em cima das camadas populares.

É perceptível o desenvolvimento desse processo de preocupação e cuidado com o corpo que a burguesia passou a instigar na sociedade como forma de crescimento para o próprio país. O corpo saiu da esfera da marginalidade e passou a atuar como “protagonista”, chegando até mesmo, a ser visto como máquina ou mercadoria. As pesquisas científicas da época fortaleciam essa visão reducionista e mecanicista do corpo, sendo algo mais superficial e um instrumento para servir aos interesses do estado estando longe de ser pensado como uma parte do indivíduo que completa todo um ser. Portanto, o corpo foi o ponto de partida para que o estado elaborasse um belo discurso encalcado nos interesses burgueses utilizando-se de todos os recursos disponíveis e alcançando áreas que tinham uma forte influência sobre a sociedade, assim como o conhecimento científico.

[...] caráter contraditório deste conhecimento que, ao mesmo tempo em que liberta, aprisiona; transforma-se em mecanismo de controle por parte do Estado, que o reconstrói em poder disciplinar e, de modo ora sutil, ora acintoso, utiliza-o para o controle das grandes massas urbanas (SOARES, 2004, p.21).

Conforme o contexto da época a medicina desenvolveu um papel que, de certa forma, foi importante para a realidade social antes da revolução industrial, tendo em vista que as condições da sociedade não eram das melhores. Todavia, há de se ressaltar que o argumento higienista se sustentava na tese de que o motivo da existência das doenças e epidemias eram consequências do péssimo estado em que a população vivia, ou seja, a culpabilização das doenças às camadas mais pobres da sociedade. A mudança de hábitos da população estava fortemente presente no discurso do Estado, para que assim, o mesmo pudesse tirar a responsabilidade de si e jogar para a sociedade. Logo, todo esse caminhar era necessário para

³ O termo pode ser encontrado na obra da Carmem Lúcia Soares, “Educação Física – Raízes Europeias e Brasil”.

a construção de trabalhadores fortes e saudáveis excluindo os doentes e não dando condições para que o “forte e saudável” pudesse acontecer. Tal lógica foi pensada pela burguesia até conseguir um sucesso significativo.

Com o aumento dado à importância dos exercícios físicos como forma de disciplinamento dos trabalhadores e da forte medicalização da família, a burguesia, pensando em outras formas de ter a classe dominada em suas mãos utilizou-se da educação oferecida aos trabalhadores como uma ferramenta para introduzir a Educação Física voltada para os exercícios físicos. Uma Educação Física que dispensava outras questões importantes que compõe o ser humano e focava suas metodologias somente no biológico baseado na concepção higienista.

A partir dos interesses burgueses, a Educação Física, em meados do século XIX, foi introduzida nas escolas Europeias com o objetivo de adestramento, disciplinamento e com o intuito de tornar o corpo “saudável” e forte para os serviços braçais necessários no período da Revolução Industrial (SOARES, 2004). O educar o físico foi visto como fator motivador e necessário para levar os trabalhadores as suas melhores condições diante das necessidades do Estado. Para que isso ocorresse, o exercício físico tomou proporções utilizando a ginástica como uma das manifestações corporais da sociedade.

A necessidade de um instrumento mais efetivo na transmissão de ideais da classe dominante, se fazia totalmente importante. Por isso, o maior e mais eficiente veículo de propagação e internalização desses ideais, na época, era a escola. A qual poderia servir como instrumento de manipulação das crianças e jovens, tornando-os obedientes e fortes para aguentarem horas e horas de jornada de trabalho, quando aptos a isso, gerando o crescimento do capital. Sendo essa instituição utilitarista com o objetivo de reproduzir ações cotidianas necessárias ao dia a dia daquela época, ou seja, matérias que fortalecesse ainda mais a classe dominante no poder e conteúdos que evidenciassem uma propagação e perpetuação da classe subjugada nas condições de pobreza e trabalho extremo. Por conseguinte esse modelo de educação construído sobre a influência da burguesia serviu-se de base para uma Educação Física muitas vezes compensatória, utilitarista e militarista (SOARES, 2004).

Dada a importância dos exercícios físicos “como parte integrante da formação moral e intelectual do cidadão” (SOARES, 2004, p.39), e com o aumento das políticas voltada para os exercícios de cunho utilitarista, passou-se a incrementar no currículo escolar a ginástica como peça integrante na formação do indivíduo no decorrer do processo educativo da instituição. Esse processo de integração da Educação Física através dos exercícios está pautado na ideia

de “regenerar a raça, fortalecer a vontade, desenvolver a moralidade e defender a pátria.” (SOARES, 2004, p. 49).

À ginástica, portanto, foi bastante utilizada e transmitida através de exercícios repetitivos e que representassem os movimentos do cotidiano do indivíduo, além disso, serviu como instrumento para corrigir erros posturais, fortalecer o corpo, torná-lo resistente, disciplinado e obediente conforme a intenção de cada Estado. Vale a pena ressaltar que naquela época não havia uma visão ampla do indivíduo como temos hoje, ou seja, uma visão mais macro do que forma e molda a personalidade de um ser humano ao ponto de fazê-lo torna-se um ser pensante que sente, fala e age consigo mesmo e com a sociedade que o cerca.

O emocional, o cultural, o social e o psíquico do aluno/trabalhador eram marginalizados dando espaço somente para aspectos anatomofisiológicos, todavia os benefícios corporais que a ginástica proporcionou naquela época ajudaram no seu crescimento e na sua expansão por toda a Europa e país a fora. Tendo em vista que as grandes nações tinha a intenção de deixar o seu trabalhador, aluno e população mais forte para suportar as necessidades específicas da época e, conseqüentemente, tornar o país mais produtivo industrialmente.

Sendo assim, a ginástica tornou-se febre por toda a Europa e países a fora. Essa febre ocorreu de tal forma que certas nações passaram a adota-la como prática eficiente, sendo baseada em argumentos científicos, em plena sociedade industrial. Em 1800, com a sua ascensão por toda a Europa, a ginástica passou a popularizar-se atingindo diversos campos da sociedade. Devido à universalização, alguns países começaram a adota-la para servir seus próprios interesses resultando em diferentes formas de ensinar, formalizar e transmitir os exercícios, o que Soares (2004) vem chamar de “métodos ginásticos”. Cada escola de ginástica carregava a sua ideologia, regras e disciplinamento conforme a visão que cada nação tinha para o seu próprio crescimento, seja para a regeneração da raça, ou para o fortalecimento industrial com seres saudáveis e fortes estando aptos a aguentarem a carga horária de trabalho, além disso, havia o fator da força militar servindo o país em casos de guerras. Portanto, apesar da ginástica ter se expandido por diversos países da Europa e ganhado aspectos diferentes em cada nação, mesmo com essas pequenas diferenças nas escolas de ginásticas, ela carregava certas semelhanças pautadas em premissas ideológicas com intuito de adestrar, além tornar o indivíduo forte e saudável para servir ou trabalhar em prol do desenvolvimento do país.

Algumas características das escolas europeias poderão ser vistas nitidamente se dermos uma olhada nos aspectos que cada uma carrega e na semelhança que unifica essas

escolas, apesar de serem de países diferentes. A forma como a ginástica foi utilizada como instrumento ideológico, que chegou a ser vista como peça chave no desenvolvimento do país formando homens fortes fisicamente e com o corpo saudável, era muito grande. A própria Alemanha se pautava nessa premissa para embasar seus argumentos científicos aparados pela fisiologia, anatomia e biologia. Soares (2004) vem mostrar que a ideia de Guts Muths – um dos idealizadores da escola de ginástica alemã – tinha como base uma visão em que a ginástica estaria voltada para o fisiológico, onde ele acreditava que a prática frequente dos exercícios deveria ser repassada de indivíduo para indivíduo gerando uma raça fisiologicamente forte. Além disso, a autora ainda destaca que o papel das mulheres foi visto como importante fator de reprodução. Essa preocupação com a mulher emerge naquela época pelo fato dela ser a peça fundamental na perpetuação da raça, onde elas poderiam gerar filhos homens, podendo eles, se tornarem futuros soldados preparados para a batalha.

Os termos voltados para a higiene, para a saúde física e para a defesa da pátria, se fazia presente nos discursos das escolas alemãs. O discurso em defesa da pátria se tornou protagonista e relevante para o contexto que a Alemanha vivia, visto que, ainda naquele período, o país estava em uma grande busca em demarcar o seu território, por isso, os níveis de ameaças para guerras eram crescentes e repercutia por toda a sociedade. Soares (2004) mostra que o idealizador da ginástica alemã, Jahn⁴, foi movido pelo contexto de guerra onde trazia em seu argumento que a ginástica deveria estar totalmente voltada e resignada para o campo militar. O lado social pouco se fazia presente no discurso daquela época, todavia, já era um bom indicio as transformações que cada idealizador ia direcionando e reformulando o conceito de ginástica naquele período. Tanto que, o teor da saúde, que era um dos antigos ideais que serviram de estopim para que a ginástica tivesse a sua ascensão, foi sendo deixado de lado aos poucos.

Segundo Soares (2004, p. 54), “ele acreditava que, para formar o ‘homem total’, a ginástica deveria estimular a aplicação dos jogos, pois eles constituem verdadeira fonte de emulação social, e dava especial atenção às lutas uma vez que lhe era sempre presente a possibilidade de uma guerra nacional”. Vale registrar que, diferente dos dois primeiros idealizadores da ginástica alemã que tiveram seus ideais pautados para o âmbito extraescolar, A. Spiess⁵, também citado por Soares (2004), voltou o seu olhar para a escola com o intuito de fazer com que a ginástica fosse praticada e internalizada como conteúdo escolar. Para A. Spiess, toda a metodologia de ensino da ginástica deveria estar voltada para a divisão dos

⁴ Para efeito de conhecimento: Friederich Ludwig Jahn (1778-1825); Guts Muths (1759-1839).

⁵ Para efeito de conhecimento: Adolph Spiess (1810-1858); Pehr Henrick Ling (1776-1839).

exercícios em determinado período do dia, o que já era um grande avanço quando olhamos para o contexto da época, todavia, não podemos deixar de evidenciar o caráter “mecânico e funcional” (SOARES, 2004, p.55) do sistema de ginástica de A. Spiess que, apesar de ser voltado para a escola, não está desapegado do ideal da defesa da pátria.

Diferentemente da escola alemã que trazia consigo um discurso voltado para a guerra por conta do contexto em que o país se encontrava, a escola de ginástica sueca esteve baseada em tornar homens fortes e saudáveis com o objetivo de extrair vícios que permeavam a sociedade sueca daquela época. Portanto, no início do século XIX, era de extrema importância para a escola sueca a formação de indivíduos fortes, saudáveis e livres de qualquer vício (SOARES, 2004), haja vista que com o início da Suécia no processo evolutivo industrial, seria bastante útil para esse país que seus trabalhadores estivessem capacitados fisicamente para o trabalho e, não somente isso, uma vez que a Suécia também visava possíveis guerras, ou seja, todo esse discurso voltado para o indivíduo livre de qualquer vício, também tinha o cunho militar, o que não era de se estranhar, pois como já havia suscitado anteriormente, de um modo geral, escolas de ginástica tinham em sua base mais profunda as mesmas ideologias só que com aplicações diferentes.

Não tão diferente da Alemanha, a Suécia também vivenciava momentos tensos gerados pelas ameaças de guerra, o que podemos chegar a pensar que a ginástica sueca era semelhante à ginástica alemã, todavia, a escola sueca além de se preocupar com a saúde física, também prezava os aspectos morais do indivíduo para que os mesmos pudessem trazer a paz para a sociedade. Partindo dessa visão de que a ginástica sueca tinha certas semelhanças com a ginástica alemã, Soares (2004) traz o Pehr Henrik Ling como um dos idealizadores das escolas de ginástica sueca, onde passou a utilizar caminhos semelhantes ao do alemão Guts Muths, que consistia em se basear na ciência para fundamentar a ginástica. A diferença do sueco era que ele compreendia e repassava os exercícios a partir de análises científicas anatômica voltada para aspectos higiênicos, tornando esse indivíduo livre de vícios e suscitando nele valores morais. Toda essa visão embasada na visão científica do ser, levou o sueco a dividir a sua ginástica em quatro partes, tornando-a mais sistematizada, a saber: Ginástica pedagógica ou educativa; Ginástica militar; Ginástica médica ou ortopédica; e Ginástica estética (SOARES, 2004).

A intenção dos autores, aqui já citados anteriormente, que iniciaram uma sistematização da ginástica era torná-la mais pedagógica para o objetivo final, “facilitando” assim, a transmissão dos conteúdos e o aprendizado dos alunos. Portanto, o efeito que a

ginástica estava causando nas sociedades e nos países que a adotava, era avassalador e, ousado dizer, revolucionário. Tendo em vista que estava ocorrendo uma sistematização e uma melhora na própria pedagogia do ensinar, apesar de não ser o mais viável para as escolas. Sendo assim, ao se referir ao método de ginástica criado por Pehr Henrick Ling e que teve grande influência países a fora e nas instituições de ensino, Soares (2004, p. 60), vem dizer que o objetivo do método de ginástica criado por Ling era “pautado pela ciência, com fins não acentuadamente militares, mas "pedagógicos" e "sociais", será utilizado sempre que as nações se encontrarem em paz”. De modo geral, o sueco Ling, teve grande influência nas outras escolas europeias, assim como no Brasil.

A ginástica, portanto, foi um fenômeno de grande magnitude na época e que provocou mudanças em setores da sociedade nos quais ela foi utilizada como instrumento de um ideal. Sendo um fenômeno, ela passou a ser estudada, melhorada e aplicada na sociedade, sendo mais específico, nas escolas. Cada país contribuía e progrediam os objetivos, os exercícios e as formas de ensino da ginástica, na qual, pouco a pouco, caminhou para se tornar a pedra fundamental da Educação Física que temos atualmente. A França, por exemplo, modificou totalmente o caminhar da ginástica apontando ela pra outra direção. Enquanto os dois últimos métodos, abordados anteriormente, tinham um caráter fisiológico, anatômico, biológico e social, que atingia setores específicos de determinada sociedade, na França, a forma como a ginástica foi encarada se deu de maneira diferente. Saindo do campo onde havia um retorno para o Estado – a ginástica só era ensinada em locais que trazia certo lucro para determinado país -, ela foi enraizada ainda mais no âmbito escolar e popularizada.

Na primeira metade do século XIX, a escola de ginástica francesa surge com o objetivo atuar juntamente com a educação na busca do desenvolvimento social com o intuito de formar homens completos (SOARES, 2004). No que concerne ao desenvolvimento social, podemos notar um interesse do Estado embutido meticulosamente com o objetivo de aumentar as riquezas do país, tendo em vista que uma nação é composta, principalmente, pela sua sociedade, então, desenvolvendo ela fisicamente gerará lucros nos processos de produção resultando no aumento do capital. Ou seja, a visão dos modelos de ginástica francesa era mais complexa e tinha o caráter mais eficiente no que tange atingir toda a sociedade pelo fato dela atuar junto à educação. Segundo Soares (2004, p.61), “é nesta perspectiva que a ginástica será organizada não somente para militares, mas também para toda a população, colocando-se como uma prática capaz de contribuir para a formação do homem ‘completo e universal’”.

Logo, partindo desse contexto na França, podemos ver a popularização da ginástica surgindo neste país. O fundador da ginástica francesa Amoros⁶, seguiu os modelos de ginástica de Guts Muths e Jahn, onde procurou, também, partir de um conceito científico nas praticas dos exercícios de ginástica, além de colocar uma base moral e patriota no modelo ginástico francês, entretanto, o modelo de ginástica de Amoros possuía uma versatilidade que os outros anteriores não conseguiram encontrar. Dependendo da intenção de cada país, sua ginástica poderia ser utilizada perfeitamente. Amoros, portanto, embasou o seu modelo de ginástica em algo que comportasse diferentes objetivos e ideais. Soares (2004, p.64), vem evidenciar os pilares pelos quais Amoros idealizou o método de ginástica francês:

[...] a sua preocupação com o desenvolvimento da força física, da destreza, da agilidade e da resistência, qualidades físicas essenciais, tanto para o trabalho fabril quanto para as lutas pela defesa da pátria, na ótica de uma burguesia ascendente.

Portanto, como podemos ver nas três importantes escolas de ginásticas – que contribuíram no surgimento da educação física escolar - o fator de sanar algum tipo de defeito que pudesse prejudicar determinada nação, era muito evidente. E, apesar de atuar em linhas diferentes, acabava por carregar o pensamento da ginástica como cura para os males de uma sociedade. Esse pensamento impregnado na ginástica daquela época foi o que contribuiu para que ela pudesse atuar em vários campos da estrutura de um Estado como: o militar, o médico e o civil, e por consequência, se popularizar.

De um modo geral, com todo o contexto aqui abordado, a ginástica passa a ganhar espaço na Instituição Escolar⁷, o que não víamos anteriormente. A escola passou a servir de espaço para a prática de ginástica ministrada por profissionais não capacitados, o que poderia a vir se tornar um ninho de pedagogias e exageros exacerbado do culto ao físico com fins ideológicos, militaristas e funcionais ao capital (SOARES, 2004). A transmissão de conhecimentos do professor para o aluno passou a ocupar um lugar de destaque naquela época, onde somente o professor detinha todos os conhecimentos necessários para tornar o individuo fisicamente sadio e apto para a rotina da sociedade, ou seja, de trabalho. Ocorre uma supervalorização do físico, da saúde, da força e do extermínio de vícios, e pouca atenção com o emocional, o psicológico, o social e o cultural do individuo. Com esses aspectos importantes faltando, mesmo assim, a ginástica passa a ganhar força nas escolas tornando-se obrigatória. Carregando pensamentos ideológicos de cada pensador, afetada pelo contexto do século XIII-XIX e modificada conforme o interesse do Estado, ela se torna ponto de partida

⁶ Encontrada na obra dos autores D. Francisco de Amoros y Ondeño (1770-1848).

⁷ Soares (2004) refere-se à ginástica como parte integrante da escola.

para a Educação Física escolar. Toda essa construção da ginástica faz com que ela venha a ser um complemento da educação dos indivíduos que, com apoio dos pensamentos e ideologias liberais⁸, passam a ter os exercícios físicos como parte efetiva da educação.

1.1.2 Contexto histórico da Educação Física no Brasil

Todo o contexto que ocasionou o surgimento da Educação Física na Europa também atingiu o Brasil. As influências externas levaram a Educação Física a trazer consigo vários aspectos ideológicos que determinaram o caminhar dessa área aqui no Brasil, assim como, no ambiente escolar. Esse contexto afetou diretamente as ações e o surgimento da mesma, que fundamentou o seu discurso no cultivo à saúde, a praticas higiênicas e a busca pela regeneração da raça (SOARES, 2004). Conseqüentemente, a história da Educação Física no Brasil teve uma forte correlação com as instituições militares, médicas e também esportivas, pois, no que envolve ideologias, essas instituições se faziam fortemente presente na sociedade brasileira podendo ocasionar grande impacto nos hábitos e pensamento da nação. Sendo assim, num contexto geral, a Educação Física no Brasil trouxe consigo semelhanças inatas aos modelos europeus instigados pelas instituições que detinham forte êxito na internalização de comportamentos.

Como não poderia ser diferente, devido a forte influencia dos modelos europeus, a concepção de uma Educação Física higienista também eclodiu em território brasileiro, em meados do século XIX, onde teve um papel de zelar pela saúde e erradicar problemas associados com os maus hábitos frutos de uma conduta não condizente com o pensamento burguês. Esse modelo procurou agir em campos e ambientes suburbanos sem infraestrutura - onde tinha um maior índice da classe mais baixa - e, por consequência, onde teria mais propensão a ocorrer epidemias ou o surgimento de outras formas de doenças (SOARES, 2004).

A educação higiênica das elites, valendo-se da Educação Física, pode ditar as normas do "comportamento saudável" e, através dele, inculcar valores de urbanidade, racismo, superioridade masculina, entre outros. Pode, também, desenvolver nas elites o gosto pelo trabalho físico, diferenciado de trabalho físico produtivo, acentuando a Educação Física (e com ela a "recreação formativa") como o descanso merecido, como o contraponto necessário ao "estafante trabalho intelectual", este sim considerado digno (SOARES, 2004, p.82).

⁸ Destaca-se Louis Michel Leppelletier de Saint-Fargeau (1760-1793), político francês eleito em 1789 presidente do Parlamento de Paris.

A premissa da Educação Física no Brasil, assim como na Europa, teve uma grande base voltada para formar e tornar homens fortes e saudáveis que pudessem estar aptos, prontificados e focados no trabalho braçal. Toda essa construção ideológica estava totalmente enraizada em um pensamento médico higienista voltada para o âmbito social ocasionando mudanças abruptas na sociedade brasileira devido à força de ação que ela tinha na época. A maneira como o pensamento positivista chegou ao Brasil e se espalhou por diversos setores, fez com que a concepção higienista ganhasse uma devida importância nas instituições impactando a forma como a Educação Física estava sendo formada. Não é de se esperar que o crescimento do pensamento higienista tornasse um fator preponderante para motivar outras formas e projetos com o objetivo de colocar em ação ideologias esquematizadas pela elite. Portanto, uma das consequências de uma Educação Física higienista foi eugeniização da população, onde:

Tornava-se necessário, para as elites da colônia, neste quadro populacional, acentuar o caráter “irracional”, “bárbaro” e “primitivo” dos negros, reforçar a ideia de sua inferioridade, configurá-los como ameaça (SOARES, 2004, p.73).

Esse projeto ganhou força com o fim do Brasil colonial, no começo do século XIX, dando brechas a novas questões que começaram a permear a sociedade daquela época. Essas questões foram ganhando força e importância para às elites passando a vigorar os discursos e projetos voltados para a saúde e higiene da sociedade. O modelo de eugeniização proposto em território brasileiro ocorreu com o apoio da ciência, que na época considerava o homem branco em um nível superior ao homem negro, assim como a superioridade do homem perante a mulher. Portanto, com o intuito de semear com eficácia o pensamento de uma reeducação moral, sexual, familiar, alimentar, entre outros hábitos e comportamentos que tinha relação entrelaçada com a higiene, a elite, a medicina e os higienistas procuraram agir, primeiramente, nas famílias elitizadas, dando mais importância a elas, para depois partir em um projeto que abranger-se toda sociedade (SOARES, 2004). Vale ressaltar que não era de interesse do Estado adentrar no contexto das minorias, o que evidencia ainda mais a pouca parcela que era favorecida com os projetos das elites. Faz-se importante acentuar que as escolas brasileiras tiveram total correlação nesse processo de higienização por serem instrumentos mais capacitados e eficientes na emancipação desse pensamento.

O processo de eugeniização pensada pelas elites tinha por objetivo equilibrar as populações branca e negra, todavia, a maior intenção era manter e perpetuar ainda mais a elite no poder com a regeneração da raça branca. Para fortalecer mais ainda a ideia de eugeniização, a elite contava com o apoio da educação física e dos profissionais que estudavam o assunto na

época. A Educação Física serviu de suporte para transmitir uma noção mais incisiva sobre a sexualidade, onde homens e mulheres deveriam se tornar importantes ferramentas na difusão e manutenção da elite no poder. Já a ciência foi vista como meio para modificar e modelar uma informação conforme os interesses da classe dominante, o que levou médicos e estudiosos, adeptos ao pensamento eugênico, produzirem estudos e conhecimento teórico acerca dessa concepção. Tal ideia teria forte influência no comportamento das famílias brasileiras.

Essas obras imiscuíram-se na intimidade das famílias, e, em nome de uma educação física, moral, sexual, intelectual e social, ditaram normas de vida, referindo-se a conduta de mulheres e homens, aos cuidados com os recém-nascidos, ao asseio, aos banhos, aos exercícios físicos, chegando até à vestimenta e aos hábitos alimentares (SOARES, 2004, p.74).

Partindo disso, a Educação Física começa a tomar um importante espaço no cotidiano das famílias alterando hábitos costumeiros daquela época, utilizando-se de exercícios físicos baseados na ginástica para modelar e inculcar o pensamento da elite nas escolas que tinha como predominância os filhos da classe dominante, fora que a política estava praticamente entrelaçada com a escola e com os conteúdos que deveriam ser transmitidos nelas, apesar da educação ser algo que poucos pudessem experimentar. Portanto, todo o processo de educação começava a dar sinais de “ordem”, no qual todo o espaço que era destinado à educação deveria ser organizado, controlado e com hierarquias claras, a obediência deveria ser uma característica evidente (SOARES, 2004). Esse processo de disciplina e trabalho no âmbito escolar formulou, no Brasil, a divisão entre lazer e trabalho. A dualidade entre “lazer x trabalho” foi sendo passada culturalmente até chegar ao que temos hoje. Partimos de um momento histórico em que a recreação nas escolas foi ministrada como algo utilitarista e voltada para o trabalho, onde somente as crianças que mereciam poderiam usufruir desse momento de lazer.

Segundo Soares (2004, p.78) “Vinculou o tempo de recreação ao tempo de trabalho, fazendo deste o seu oponente necessário, ao mesmo tempo em que disseminou a ideia da recreação como capaz de recuperar as forças que o trabalho exigiu”. Portanto, se ainda temos a percepção de que, algo que promove lazer ou divertimento é sinônimo de ociosidade ou preguiça, então, podemos ter certeza, que ainda temos forte influência de aspectos culturais que foi iniciado e inculcado na sociedade na época da emancipação da instituição escolar.

Voltando para os processos ideológicos que ocorreram na sociedade brasileira e nas escolas, o projeto de uma educação higiênica só foi abranger toda a população no fim do

século XIX com o pós-período imperial, em 1889. Onde toda a esfera ideológica que a higienização abarcava passou alastrar-se por toda a população e efetivando formas de se pensar a sociedade da época. A popularização desse processo de higienização tornou-se evidente quando houve o crescimento do trabalho assalariado (SOARES, 2004), tendo em vista que era de extrema importância os trabalhadores estarem saudáveis e prontos para o trabalho braçal imposto pelo capital.

Por conta desse novo contexto da sociedade brasileira, a elite se viu obrigada a propagar a proposta higienista e, para que isso pudesse ocorrer com sucesso, se fazia urgente a utilização de algum meio que fosse eficiente nesse processo de propagação, sendo assim, as escolas deixaram de ser algo exclusivo dos filhos da elite, para se tornar algo para toda a sociedade trabalhadora. No mais, já era nítido a forma como a escola estava sendo utilizada como instrumento capaz de influenciar diretamente a ação das pessoas em prol dos interesses do Estado transformando a educação em uma ferramenta para manter a ordem, a disciplina e a produtividade, evitando-se o tempo ocioso.

Neste conjunto - disciplina-tempo-ordem - em que se fundamenta a educação das elites (educação a ser ministrada pelos Colégios), ganha espaço a educação Física, uma vez que o físico disciplinado era uma exigência da nova ordem em formação. Disciplinar o físico, portanto, era o mesmo que disciplinar o espírito, a moral e, assim, contribuir para a construção daquela nova ordem (SOARES, 2004, p.79).

Chegando ao século XX, a Educação Física sai de uma concepção higienista e surge como uma Educação Física militarista carregando consigo os modelos de ginásticas europeias. A influência dos modelos advindos da Europa para o Brasil forneceu um rosto para a Educação Física que conhecemos hoje, partindo do pressuposto de que as inserções dos exercícios nas escolas foram fundamentadas pelas características dos modelos europeus. Cada um deles ganharam espaços em determinados momentos na ascensão da Educação Física no âmbito escolar, sendo modelada pelas abordagens de ginásticas alemães, francesas e suecas.

Ainda no século XIX, o modelo ginástico alemão foi ganhando espaço e força, passando ser muito bem aceito no Brasil. Além disto, o modelo alemão ajudou na promoção do processo de eugeniização, pois, com a chegada de imigrantes alemães no sul do Brasil, foi crescendo a ideia de que era necessária a renovação da raça (SOARES, 2004). Isso se deve pela falsa impressão, na época, de que o homem europeu era visto como um modelo de força, educação e disciplina, sendo ele uma forma de raça a ser perpetuada e seguida. Outro fator que motivou a influência do modelo alemão na eugeniização foi importação de soldados alemães para aumentar a frota do exercito brasileiro e melhorar a sua qualidade.

A chegada de imigrantes alemães no país foi um fator importante que teve grande influência nos métodos assimilados pela Educação Física em terras brasileiras, tendo em vista, que esse encadeamento serviu como instrumento motivador para disciplinar e fortificar os corpos, dando continuidade à base lógica estabelecida na perspectiva higienista. Sabe-se que a ginástica foi um pilar fundamental – que venho com a importação dos soldados alemães – que serviu de base para a introdução da prática nas escolas militares se tornando o método oficial em 1860 (SOARES, 2004). Logo, o método ginástico alemão foi o primeiro a adentrar no âmbito escolar de cunho militar, carregando em suas raízes e em suas metodologias concepções para dentro da educação, sendo um ótimo instrumento para a transmissão de ideologias e que, posteriormente, serviu como porta de entrada para o método ginástico sueco e francês.

De modo geral, esse modelo baseava-se na formação de um corpo forte e saudável que estivesse pronto para o combate e servir a pátria, como já foi explicado neste trabalho. Portanto, na escola, esse modelo não presava os que não contemplavam com um físico favorável para tais objetivos ideológicos, pois, o que se almejava era a formação de futuros soldados a serviço do Estado e condições favoráveis para o trabalho. No mais, a escola esteve condicionada a propagar a hierarquia e a disciplina - condições importantes que servem de requisitos para exercer funções militares - partindo de uma base do modelo alemão e militar, além de fomentar a exclusão daqueles que não tinham aptidões físicas para tais expectativas.

Um pouco diferente do método alemão, a incorporação do modelo sueco se deu com mais facilidade e adesão por parte dos pensadores da época, O modelo ginástico sueco passou a ser discutido e conhecido no Brasil por ser um método de ginástica pautada na ciência e que buscava por caminho mais pedagógicos e sociais (SOARES, 2004). Deste modo, obteve uma maior aceitação na área escolar, deixando as áreas militares ainda mais restringidas ao modelo alemão, visto que, o modelo sueco trazia consigo uma ideologia que acabou não sendo tão bem aceita nas instituições militares, em contrapartida, houve uma melhor adesão por parte das escolas.

Instigados pelo conteúdo um pouco diferente dos outros modelos, intelectuais da época passaram a debruçar-se em estudo e teorias que consolidassem esse modelo no Brasil. Ainda por cima, o seu caráter científico tinha mais significância e conteúdo do que o modelo alemão. Como já foi abordado neste trabalho, Ling foi à peça principal que formulou e evidenciou o modelo sueco cientificamente, servindo-se de engrenagem para elevar o método e torna-lo conhecido na Suécia e mundo a fora, principalmente no Brasil. Por conta do aparato

científico por de traz desse modelo é que importantes pensadores⁹ da época corroboraram com a ideia e passaram a cobrar a sua implantação nas escolas. Para Soares (2004, p.60), “Estes pensadores atribuem a Ginástica Sueca uma adequação maior aos estabelecimentos de ensino, dado o seu caráter essencialmente pedagógico”. Com os motivos evidenciados por Rui Barbosa, o método sueco teve grande aceitação frente à classe política brasileira, pois os conhecimentos científicos, os anatômicos e fisiológicos, traziam status e também correspondia aos interesses do sistema implantado (SOARES, 2004).

Em meados da primeira década do século XX, o método ginástico francês foi introduzido no Brasil, todavia só foi oficialmente estabelecido em 1921, através do Decreto nº 14.748. A maneira como esse modelo foi implantado no Brasil, foi o que determinou de fato a Educação Física no âmbito escolar, pois, em 1929, o Ministério da Guerra elaborou um anteprojeto do qual determinava que a “Educação Física fosse praticada por todos os residentes no Brasil e com obrigatoriedade em todos os estabelecimentos de ensino”. (CANTARINO FILHO, 1982, p.90). Ainda por cima, o Ministério da Guerra determinou que o Método de Ginástica Francesa fosse adotado como modelo oficial da Educação Física, devido à falta de um método que representasse a Educação Física nacional¹⁰. Pela forma como esse assunto foi abordado, tão repentina e articulosa, houve certa resistência em relação ao assunto, já que, esse método não condizia com a sociedade e com o contexto em que o Brasil se encontrava. Ainda por cima, vale ressaltar, que as características das escolas francesas também estavam associadas com a guerra.

Um “confronto de pedagogias” estava sendo travada com a popularização da Educação Física e da instituição escolar. Muito dos ideais que eram discutidos na época estavam pautados em métodos militares - como podemos ver no processo de desenvolvimento da educação física no Brasil, já explicado anteriormente. Com a ascensão dos debates pedagógicos e o enfraquecimento dos métodos militares dentro da Educação Física, ainda no século XX, em meados da década de 1930, surge no país um movimento capaz de contrapor o método francês com o intuito de renovar a educação, tendo como premissa o pensamento desenvolvimentista, que enxergava a escola como instrumento de manobra para concretizar seus fins. Por conta disso, os debates pedagógicos intensificaram-se e fortaleceram-se em torno da instituição escolar e das matérias que compunha o seu currículo.

Com o surgimento dessa nova forma de ver a educação, a Educação Física foi sendo “desmilitarizada” e modificando seus conceitos e ideais. Lógico, Bracht (1997), afirma que a

⁹ Destacam-se: Rui Barbosa (1849-1923) e Fernando Azevedo (1894-1974).

¹⁰ Soares, 2004 aborda com detalhe uma citação em que evidencia com clareza trechos do anteprojeto.

Educação Física não perdeu por completo o cunho militar de seus conteúdos, tendo em vista que os métodos militares foram pilares para o seu surgimento. Vale ressaltar, que o método de ginástica francês permaneceu em território brasileiro até a década de 1960, onde fica evidente a força que esse método tinha naquela época, que, mesmo com a sua longa duração, foi dando espaço a novas formas de se ver a educação até ser substituído pelo forte desencadeamento do processo quantitativo de esportivização, o que pode ser evidenciado pelo fim da II Guerra Mundial e pelo desenvolvimento das áreas urbanas, pelo aumento da comunicação em massa e pelo forte crescimento das indústrias no país. Isso fez com que os esportes ganhassem espaço no cenário educacional brasileiro através da Educação Física escolar.

O caráter competitivo nas escolas eclodiu como consequência da ditadura militar, em 1960. Com a forte propaganda em torno do cenário brasileiro e a propagação do famoso chauvismo esportivo¹¹, surge nas escolas, em decorrência do contexto da época, a concepção competitivista. O nascimento dessa nova visão dentro das escolas foi o que motivou e alavancou todo progresso de esportivização no âmbito escolar, trazendo consigo o tecnicismo e o nacionalismo exacerbado. Os esportes de alto rendimento tiveram bastante aceitação por parte da sociedade, pois era claro a intenção do Estado de transformar o esporte como meio em que o indivíduo atingiria o ápice extremo da sua vida representando o seu país, cidade ou estado e, por consequência de uma boa atuação, se tornaria o “herói” da nação. Além disso, ainda havia a possibilidade de uma ascensão socioeconômica, tirando os atletas que representassem o país da zona de marginalidade financeira (BRACHT, 2005). Por isso os esportes de alto rendimento foram bastante venerados pela sociedade da época.

A lógica esportiva passou a fazer parte da sociedade brasileira como um meio de conquista e êxito pessoal. Esse processo de esportivização atingiu em cheio as famílias, o contexto social e a instituição escolar, onde passou a ser ministrado como conteúdo predominante na Educação Física. Apesar do esporte se fazer evidente nas escolas, isso não significou que todo o leque esportivo iria ser ensinado como conteúdo e, por consequência, promover a cultura corporal mais ampla aos alunos. Pelo contrário, o conteúdo esportivo na Educação Física foi sendo estreitado para conteúdos específicos, normalmente aquilo que tinha mais apreço pela sociedade como um esporte que se fazia mais e mais presente na cultura do povo brasileiro.

Portanto, a escola passa a ser uma promotora do esporte de alto rendimento, por meio da Educação Física, ratificando o discurso chauvista da época e tornando o emocional, o

¹¹ Consultar o texto “Esporte para todos: Um discurso ideológico”, obra da autora Kátia Cavalcanti (1984).

psicológico, o social, etc., como algo trivial. O ambiente escolar começou a perpetuar o ambiente esportivo incentivando o alto rendimento, a competição e o tecnicismo. Ou seja, o esporte não era visto como fator para estimular a cooperação, a inclusão ou o lazer, pelo contrario, não cabia ao esporte mudar o foco para essas condições necessárias no desenvolvimento do aluno, pois o que contava era a nova forma de ser Educação Física na época, isto é, um instrumento para promover e incutir o esporte competitivo de alto rendimento.

É importante citar que o desenvolvimento da instituição esportiva não se dá independentemente do da Educação Física: condicionam-se mutuamente. A esta é colocada a tarefa de fornecer a “base” para o esporte de rendimento. A Escola é a base da pirâmide esportiva. É o local onde o talento esportivo vai ser descoberto (BRACHT, 1997, p.22).

Com a ascensão do esporte no país e nas escolas, o envolvimento da Educação Física era tão grande que, por vezes, passou a ser confundida com o esporte, tendo em vista que o seu foco estava atrelado com a visão de competição e por uma busca de resultados. O ambiente escolar foi ganhando características de uma base esportiva propicia para extrair futuros potenciais que pudessem representar a nação em determinados eventos mundiais. Bracht (1997) evidencia muito bem o objetivo da escola, sendo o principal referencial para formar atletas que fossem capazes de conseguir determinados resultados representando o seu país. No entanto, esse processo de esportivização nas escolas serviu de motivo para que ocorresse a seleção dos mais capacitados, onde seriam escolhidos os alunos com aptidões favoráveis para determinados esportes e que estariam predispostos a atender as demandas das Instituições Esportivas (BRACHT, 1997). Com isso, cresce a necessidade de atribuir uma formação específica para que, futuros e promissores alunos/atletas, pudessem alcançar as condições necessárias e atuar no esporte de alto rendimento.

A forma como as instituições esportivas se serviam da escola era evidente, não só pelo caráter na promoção de jovens promissores, mas por ela estar se moldando como uma base “sólida” em fornecer jovens ao esporte de alto desempenho. Esse suporte que a Educação Física deu ao esporte teve como objetivo o alto rendimento. A escola, portanto, transforma-se em um ambiente propicio para a execução de praticas esportiva com o nível de alto rendimento exacerbado. O que leva a um critério de seleção para quem poderia ser apto a praticar tais atividades como conteúdo escolar. O olhar do professor estava centrado em aspectos que determinassem as capacidades de certos alunos para uma pratica esportiva específica (BRACHT, 1997).

O esporte se fazia presente dentro da escola, porém, não era moldado para ser um conteúdo pedagógico que suscitasse a cooperação, a inclusão, o lúdico, entre outros. Deste modo, a escola ainda não tinha adotado para si uma maneira de incluir o esporte como conteúdo com características totalmente pedagógicas, ou seja, o esporte ainda não era da escola, mas só se fazia presente dentro dela. Foi introduzido com todas as suas particularidades envolvendo o alto rendimento, a competição capitalista exacerbada, o espetáculo e o tecnicismo evidenciado, mas não foi moldado para atender o indivíduo e a sociedade com seus aspectos emocionais, psicológicos, culturais e sociais.

Todo esse contexto em torno da escola e, por consequência, da Educação Física, influenciou diretamente nos dois personagens principais do ambiente escolar, o professor e o aluno. As semelhanças entre o professor do período militar e o professor do processo esportivo que a escola viveu, eram evidentes. Com os métodos militares, o professor já saía preparado da instituição militar para transmitir seus conhecimentos mecanizados aos alunos, porém, de maneira utilitarista, compensatória e militarista. Em regra, os alunos não tinham tanta autonomia para debater com o professor acerca dos conteúdos.

Para Bracht (1997, p.20), “as funções atribuídas ao instrutor eram as de apresentar os exercícios, dirigir, a manter a ordem e a disciplina. Ao aluno competia repetir e cumprir a tarefa atribuída pelo instrutor”. Já no processo de esportivização, o que determinava as atitudes de um professor escolar era o esporte de alto rendimento, a competição e o tecnicismo. A relação professor/aluno se dava numa estreita zona, onde o caráter esportivo encontrava-se entre os dois. O ensino de determinado conteúdo era sistematizado e verticalizado, esquecendo por muitas vezes de adapta-lo conforme a realidade do aluno/turma.

Os papéis desses sujeitos também não são diferenciáveis nos seus aspectos fundamentais dos de treinador e de atleta na instituição esportiva. Isto é, passou-se do professor-instrutor e o de aluno-recruta para o de professor-treinador e de aluno-atleta. A diferenciação entre o “bom” treinador e o “bom” professor não é possível. A socialização do professor é marcada pela atividade esportiva (BRACHT, 1997, p.23).

Após eclosão de várias vertentes no Brasil, nas décadas de 70 e 80, com o fim da ditadura, inicia-se um novo “repensar” da Educação Física. Por consequência de um cenário político fragilizado e pelas transformações sociais com as quais o país estava vivendo, surgem modelos “renovadores”¹² da Educação Física, com contextos e ideais diferentes dos aqui já

¹² A obra “Coletivos de Autores – Metodologia de Ensino de Educação Física” aborda muito bem no Capítulo 2, pág.38, o termo “renovadores” aqui utilizado para denominar o surgimento de novos movimentos dentro Educação Física.

citados. A psicomotricidade foi um das novas visões crescentes dentro da Educação Física, onde tratava o movimento humano como um processo instrumentalizado na formação e na secundarização de novos conhecimentos, agindo assim, no processo de educação (COLETIVO DE AUTORES, 1992). O crescimento dos movimentos gerou forte debate em torno da Educação Física escolar, onde foi sendo suscitados argumentos para além do indivíduo, almejando o social e questões macro determinantes. A pedagogia humanista também foi resultado da forte mobilização na educação física. Os princípios dessa pedagogia visava utilizar o ensino como meio para contribuir nas relações interpessoais e no desenvolvimento da natureza da criança (BRACHT, 1997). Todavia, a visão de uma Educação Física humanista estava fundamenta em pedagogias tecnicistas para mecanizar e fazer com que surgissem novos movimentos corporais a partir de uma autonomia, criatividade e senso crítico do indivíduo.

O Esporte para Todos surgiu sobre o efeito da educação física humanista. Bracht (1997, p. 26), afirma que “embora surgido menos como crítica à Educação Física e mais como movimento alternativo ao esporte de rendimento, o EPT acaba influenciando-a. Sua concepção é baseada numa crítica humanista, de cunho existencialista, ao esporte de rendimento”. Ou seja, o Esporte para Todos seria uma contraresposta em meio ao esporte que excluía muitos e agregava poucos. E, diferentemente do esporte de rendimento na época, o Esporte para Todos via o “social” como extensão do indivíduo influenciando diretamente na cooperação e a solidariedade como meio para inclusão (COLETIVO DE AUTORES, 1997).

Esses movimentos não tiveram influência suficiente para enfraquecer a superioridade esportiva dentro da escola. No entanto, na busca de uma visão totalmente diferente e mais profunda, comparado aos antigos modelos de ser ver a educação, surge uma concepção crítica na Educação Física. Pouco a pouco ela vai ganhando espaço dentro do cenário da Educação Física brasileira, passando a exercer uma oposição contra proposições anteriores e cultivando a importância da Educação Física exercer funções sociais dentro do ambiente escolar.

Portanto, a chegada dessa concepção trouxe um olhar diferente sobre o contexto social dos indivíduos e os determinantes que condicionavam a sociedade para agir, se comportar e se vestir de determinada forma. Isso leva a crê que a Educação Física seria um meio para criar no aluno um pensamento crítico frente ao cenário estrutural da sociedade brasileira.

O que diferencia esta tendência de todas as outras descritas anteriormente é o fato dela realizar a crítica da Educação Física a partir de sua contextualização na sociedade capitalista, operando tal crítica a partir da tradição teórica do marxismo e, assim, ressaltando a dimensão política da Educação e da Educação Física. Seus adeptos colocam como elemento norteador de uma “nova” Educação Física, um

compromisso político com as classes oprimidas, com vistas a transformações estruturais na sociedade, condição indispensável para um com-viver Humano (BRACHT, 1997, p.27-28).

Sendo assim, diante da superioridade esportiva na época, a concepção crítica da Educação Física buscava analisar e pensar criticamente a lógica esportiva que estava sendo traçada nas escolas brasileiras, pois, os discursos chauvistas voltados para os ideais olímpicos e para o engrandecimento da nação, se faziam predominante e condicionavam mais ainda a sociedade brasileira na alienação e no apolitsmo implícito. Por isso, uma das justificativas que fizeram os teóricos se debruçarem em estudos para desconstruir abordagens que fundamentaram o papel pelo qual o esporte desempenhou, sendo utilizado como instrumento de manipulação ideológica na perpetuação de condutas e na obtenção de conquistas que só tinham a favorecer o Estado.

Estas abordagens denominadas críticas ou progressistas passaram a questionar o caráter alienante da Educação Física na escola, propondo um modelo de superação das contradições e injustiças sociais. Assim, uma Educação Física crítica estaria atrelada as transformações sociais, econômicas e políticas tendo em vista a superação das desigualdades sociais (DARIDO, 2001, p.12).

Vale ressaltar, que o surgimento de todo o emaranhado das teorias críticas da Educação Física, não se deve somente por fatores internos associados a mudanças estruturais, sociais e políticas do cenário brasileiro, além disso, a força com que essa teoria chegou ao Brasil tem total relação com influencias externas. Tendo em vista que vários dos autores críticos, fundadores de teorias críticas de grande representatividade no Brasil, eram de origem estrangeira. O que ocasionou no “[...] lançamento de diversos livros e artigos que buscavam além de criticar as características reinantes da área, elaborar propostas, pressupostos e a enfatizar conteúdos que viessem a tornar a Educação Física mais próxima da realidade e da função escolar” (DARIDO, 2001, p.8). E por consequência disso, ocasionando o surgimento de varias vertentes relacionada à concepção crítica da Educação Física que nem sempre tinha relação. Darido (2001, p. 12), deixa claro que “É importante ressaltar que mesmo dentro da Educação Física surgiram alguns desdobramentos da abordagem crítica, com posições nem sempre convergentes, como a perspectiva crítico-superadora e a crítico-emancipatória.”

Sendo assim, Coletivo de Autores (1992), constrói uma sistematização do que seria aulas fundamentas em explicações reflexivas levando para o aluno conceitos além do movimento executado. O que serviria para romper uma visão reducionista e unilateral de formação calcada somente na aptidão física e no esporte voltado para o rendimento. Ainda por cima, podemos destacar nessa obra uma preocupação com a capacitação profissional do

professor e a sua metodologia utilizada em aulas. Dessa forma, essa obra visa transformar de maneira sutil algumas abordagens metodológicas utilizadas por muitos professores da época e que já se encontravam ultrapassadas. Essa preocupação já era reflexo da ascensão de uma vontade latente em tornar a Educação Física algo sistematizado e com uma consistência clara, além de uma pedagogia única. Para efeito de conhecimento:

[...] o aluno sistematiza o conhecimento sobre os saltos e os conceitos que explicam o conteúdo e a estrutura do objeto salto, desde as leis físicas e características no nível cinesio/fisiológico, até às explicações político-filosóficas da existência de modelos de salto (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 65).

Portanto, o cenário brasileiro serviu como uma terra fértil para a teoria crítica do esporte e as suas vertentes, pois, não havia nada melhor que uma Educação Física ainda fragilizada pelo excesso de conteúdo esportivo – chegando a ser confundida com o desporto em si - voltado para o rendimento do indivíduo. O tecnicismo pedagógico encontrou dificuldades para “prosseguir” como conteúdo na escola, tendo em vista que a teoria crítica serviu como uma espécie de oposição diante do movimento instrumentalizado idealizado pelo tecnicismo. Além disso, “... a intenção velada de atender aos interesses do desporto de alto nível do que propriamente se inserir no processo de garantir ao meio escolar um instrumento de socialização.” (CASTELLANI FILHO, 1985, p.10), se deve pelo fato de ser um campo carente de um aprofundamento mais robusto e que saia da superficialidade encontrada nos antigos modelos. Por isso, a Educação Física com a concepção crítica, passa a dar os seus primeiros passos rumo a uma “solidificação” como disciplina nas escolas e na Educação Física escolar.

Sendo assim, o que encontramos hoje é uma Educação Física escolar robusta de um contexto histórico e que deu passos significativos para o avanço e a valorização da área como componente curricular. Todavia, os resquícios de concepções desatualizadas e arcaicas ainda persistem no corpo estrutural dessa disciplina, o que acaba fomentando a prática de conteúdos ultrapassados e monótonos, além da supervalorização de conteúdos esportivos restringindo-se somente ao futebol, basquete, vôlei e handebol. Mesmo assim, vale ressaltar que o crescimento de novas concepções totalmente pedagógicas e novas visões acerca do conteúdo esportivo está se fazendo presente e em ascensão na Educação Física escolar, o que só tem a contribuir e a enriquecê-la.

1.2. Educação Física na Escola

A educação física escolar é uma área bastante importante na evolução das habilidades motoras e físicas dos alunos onde são trabalhados aspectos relacionados à saúde, ao físico, ao social, ao cultural, ao psicológico, ao afetivo, etc., ainda tendo a oportunidade de levar o indivíduo a um pensamento crítico e autônomo, utilizando como instrumento, diversas manifestações culturais como conteúdo pedagógico (BETTI, 1994; DARIDO, 2004; DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007). Essa disciplina permite abordar uma série de variáveis nos indivíduos de forma lúdica, inclusiva, cooperativa e competitiva, utilizando-se de atividades ou de esportes coletivos e individuais, sendo eles tradicionais ou alternativos, que servirão de instrumento para envolver os alunos a partir de uma reflexão conforme o objetivo do professor.

Nós, professores de educação física, temos a oportunidade de trabalhar das mais diversas formas a disciplina na escola levando os alunos a usufruírem os mais variados benefícios que ela pode trazer através dos conteúdos por nós ministrados, além do mais, temos a oportunidade de levar os alunos a refletirem, a problematizarem e analisarem as diferentes manifestações da cultura corporal e uma melhor conscientização do conteúdo que está sendo abordado em aula (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007).

Com um trabalho bem planejado pelo professor, a educação física na escola permitiria aos alunos vivenciarem uma diversidade de culturas corporais. Ou seja, seria importante que o professor de educação física fosse um agente renovador e transformador do ambiente escolar onde ele está inserido, passando a transmitir práticas com o planejamento participativo, o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico, a interdisciplinaridade e a vivência de diversas culturas corporais, podendo trazer para dentro da escola atividades manifestadas em cada canto do Brasil e do mundo. Todavia, para que isso ocorra é necessária uma mudança na postura do professor em relação aos conteúdos ministrados por ele e, que na sua grande maioria, estão pautados somente nos esportes tradicionais, tais como futsal, baquete, vôlei e handebol (PAES, 1996).

O que mais encontramos nas aulas de educação física do ensino médio são conteúdos tradicionais que segue o mesmo padrão das aulas de educação física do fundamental. Isso acaba levando os alunos do ensino médio a uma desmotivação por conta de conteúdos já vivenciados de maneira saturada no fundamental e que já não despertam mais interesse nos mesmos. Ainda por cima, esses conteúdos carregam fundamentos que estão alicerçados na execução dos gestos técnicos repetitivos ou do alto rendimento. O que aparenta, é que as aulas

de educação física estão voltadas, tão somente, para este tipo de conteúdo pedagógico (COSTA,1997).

Por conta disso, enquanto componente curricular a educação física vem sendo desvalorizada no ensino médio devido a vários fatores que podemos incluir como valorização dos esportes tradicionais, a infraestrutura, a metodologia que a maioria dos professores adotam em suas aulas, a formação acadêmica do professor, entre tantos outros fatores. O que vemos constantemente, é que essa área tão rica e com uma vasta capacidade de promover vários benefícios ao indivíduo como um todo, vem sendo desvalorizada pelo estado, pela escola, pelos alunos, pelos professores de outras disciplinas e pelos próprios professores de educação física, tornando-se assim, uma disciplina desnecessária no ensino médio.

A Educação Física nem sempre foi considerada de capital importância, nem mesmo por alguns de seus profissionais, porque não é posta como uma real educação humana, mas apenas como suporte para atividades esportivas, acabou sendo uma disciplina dispensável (SANTIN, 1987, p.46).

A educação física do ensino médio vem buscando seu lugar de respeito na escola, além de encontrar-se em um momento que mudanças significativas estão ocorrendo nela mesma. Por conta disso, seria importante abordar uma alternativa de ensino no qual poderíamos utilizar na educação física do ensino médio como forma de valorização da disciplina. E para que isso ocorra, utilizaríamos como instrumentos os esportes alternativos, devido a uma grande variedade de esportes que encontramos mundo a fora e que poderiam servir como ótimo meio para atrair a atenção e o interesse dos alunos.

1.3. Motivação do aluno nas aulas de Educação Física

É de fundamental importância que o professor tenha à compreensão do processo de aprendizagem no aluno e a clareza de que existe uma dimensão de fatores que instigam a participação dos alunos nas aulas de Educação Física. Portanto, o professor deve levar em consideração que a motivação é algo essencial no aluno que irá fazer com que o mesmo participe, ou não, das aulas de Educação Física. Para Franchin e Barreto (2006, p. 1) uma “das principais preocupações no que tange aos estudos relacionados à Educação Física é a preocupação com os conteúdos ministrados nas aulas, que podem estar colaborando de maneira geral com a falta de interesse dos alunos diante das aulas de Educação Física”.

O interesse do aluno é uma ferramenta que deve ser considerada como fator importante na transmissão de conteúdos nas aulas de Educação Física, tendo em vista que o

aluno é um ser composto de particularidades e que necessariamente compreende o sentido útil daquilo que ele faz ou deixa de fazer. Para Fernandes e Ehrenberg (2012), as possíveis situações que poderiam ocasionar na desmotivação dos alunos seriam as aulas repetitivas, a desmotivação dos professores, as condições de infra-estrutura da escola entre outros fatores que permeiam a Educação Física escolar.

São diversos fatores que interferem na motivação dos alunos fazendo com que eles participem muito ou pouco nas aulas de Educação Física. Esses fatores podem estar associados com o conteúdo proposto pelo professor, ou seja, um conteúdo repetitivo, sem nenhum significado para a vida e que não desperta nenhum interesse como algo atrativo, também podemos incluir dentro dos fatores que poderia levar a desmotivação dos alunos o meio familiar, os amigos, a não identificação com o professor, etc., e por fim, falando do aluno do ensino médio, o emocional e o psicológico podem servir estopim para desmotivá-lo, ainda mais na fase em que se encontra onde a questão do autoaceitação, de como ele se vê no mundo, o que os outros irão achar dele, como ele se vê esteticamente e se ele se sente incluído na turma ou em grupo no qual ele se identifica, pesam fortemente na juventude.

Sendo assim, de maneira generalizada, podemos relacionar a motivação dos alunos com o intrínseco que se refere aos motivos internos que levam o aluno a motivar-se ou desmotivar-se. E com o extrínseco, como o próprio o nome diz, estão relacionados com o externo, motivos exteriores que poderiam agir fortemente na motivação ou na própria desmotivação do aluno. Marzinek (2004) mostra que a motivação extrínseca é composta por agentes externos que provoca no aluno uma ação para que ele possa fazer algo, podendo ser instigado pela influência do professor, dos colegas, entre outros fatores. Já a motivação intrínseca é determinada por fatores internos que instiga o aluno a realizar determinada ação, podendo levar ele a fazer algo prazeroso e que lhe causa satisfação. Essas duas abordagens sócio-cognitivas não estão separadas, mas interagem entre si (MARTINELLI; BARTHOLOMEU, 2007).

Martinelli e Bartholomeu (2007), afirma que a motivação intrínseca está totalmente relacionada com a atividade que será executada, ou seja, o indivíduo irá buscar praticar ou conhecer algo novo de maneira espontânea sem serem necessárias pressões externas para o cumprimento de determinada tarefa. Já a extrínseca:

apresenta-se como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências e habilidades (MARTINELLI; BARTHOLOMEU, 2007, p. 22)

Portanto, a preocupação com a motivação dos alunos deve-se fazer pertinente na atuação dos professores de Educação Física, onde os mesmos deverão dar maior atenção às propostas que poderiam atrair e, conseqüentemente, despertar maior atenção e participação dos alunos diante de determinado conteúdo.

É importante para o professor de Educação Física escolar conhecer os fatores que envolvem a motivação, pois ele não trabalha apenas com atletas, mas principalmente com adolescentes que são obrigados a frequentar as aulas. Com isso o professor precisa estar atento ao grupo, pois nem todos os seus alunos encontram prazer ou estão interessados nas atividades oferecidas durante suas aulas (MARZINEK, 2004, p. 38).

Assim sendo, deve ser valorizado o gosto do aluno, tendo em vista que o mesmo não irá se identificar com determinado esporte da mesma forma que o outro. Por conseguinte, à medida que o professor percebe que uma turma é composta por uma diversidade de gostos e que cabe a ele levar os alunos a se situarem e se identificarem com variados tipos de conteúdos aplicados à aula de Educação Física, ele vai promovendo uma dinâmica motivadora e que levará uma resposta positiva da sua turma diante de uma atividade proposta.

[...] é fundamental por parte dos professores a constatação de que suas aulas podem contribuir para o aprofundamento dos conhecimentos bem como o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia. Tais elementos balizadores merecem ser enfatizados no oferecimento de aulas que contemplem a todos, independentemente das características físicas, cognitivas ou afetivo-sociais (FERNANDES; EHRENBURG, 2012, p. 3).

Sendo assim, o professor é um agente de extrema importância que influirá na motivação da sua turma e, por consequência, facilitará no processo de ensino e aprendizagem com a utilização de uma gama de conteúdos voltados para a vivência dos alunos em uma diversidade de conhecimento e praticas. E, levando em consideração isso, a variedade de esportes poderiam levar os alunos a um nível diferente do que uma aula monótona poderia propor. Lógico, que um bom professor consegue fazer dos mesmos conteúdos algo novo. No entanto, por mais que os ditos “quarteto fantástico”¹³ seja um grupo de esportes culturalmente aceitos e praticados, principalmente o futebol, no Brasil, a repetição desses conteúdos durante o os níveis de ensino em que o aluno vai alcançando no ensino básico, vai levando uma visão reduzida da Educação Física, além de deixar essa área tão rica sem um significado palpável. Portanto, como meio para facilitar uma maior aceitação dos alunos às práticas corporais, aumentando a motivação, seria de suma importância trazer nas aulas uma diversidade de

¹³ O termo “quarteto fantástico” é utilizado para definir somente os conteúdos como handebol, basquetebol, voleibol e futsal que são trabalhados em sua grande maioria nas aulas de Educação Física.

vivências, que vá além dos esportes tradicionais, elevando as chances do aluno ter uma possível identificação com determinada prática (DARIDO;RANGEL, 2005).

Quando o professor percebe que o esporte pode ser da escola e passa a trabalhar uma gama de conteúdos esportivos fugindo dos tradicionais, e levando em consideração a necessidade do aluno estar motivado e se sentir bem, vai compreendendo a possibilidade que ele tem em mãos para atingir incisivamente uma maior quantidade de alunos em suas aulas, com diferentes gostos e com pensamentos específicos, do que ele iria conseguir trabalhando somente com conteúdos repetitivos e sem uma metodologia voltada para a pluralidade da turma.

Mais ainda, o esporte deve ser introduzido na escola, não somente por suas virtudes educativas, mas porque muitas pessoas praticam alguma atividade esportiva durante suas vidas, e devem ser ensinadas a praticá-la bem para dela tirarem satisfação e proveito. Mesmo aqueles que ao sair da escola tornam-se apenas consumidores passivos do esporte, devem aprender a assumir uma posição crítica diante do fenômeno esportivo (BETTI, 1991, p.55-56).

Portanto, percebendo que o aluno é composto por uma diversidade de pensamentos e gostos específicos, que as sua emoções estão bastante afloradas e que a tecnologia, como uma oferta pra se envolver em algo mais atrativo que as aulas, deve o professor de Educação Física procurar se envolver a vocação em si e levar para a turma uma oportunidade de vivenciar uma pluralidade de conteúdos esportivos, uma diversidade de jogos, brincadeira entre tantos outros, para que isso seja um possível artifício que motive o aluno do ensino médio a participar por inteiro das aulas de Educação Física. Para Rogers (1969, p.135):

Fico irritado com a idéia de que o estudante deve ser ‘motivado’. O jovem é intrinsecamente motivado, em alto grau. Muitos elementos de seu meio ambiente constituem desafios para ele. É curioso, tem ânsia de descobrir, de conhecer, de resolver problemas. O lado triste da maior parte da educação está em que, após a criança haver passado anos e anos na escola, essa motivação intrínseca está muito bem amortecida. Mas continua a existir, e nossa tarefa, como facilitadores de aprendizagem, é a de suscitar essa motivação, descobrir que desafios são reais para o jovem e proporcionar-lhe a oportunidade de enfrentá-los.

1.4. Esportes Alternativos na Escola

Não achamos nenhum conceito definido do que seriam os esportes alternativos, ou seja, esse conjunto de esportes estando à disposição da Educação Física escolar. Por isso nos apropriamos de obras, artigos e autores que abordassem em seus estudos temas relacionados a conteúdos na Educação Física do ensino médio. Portanto, para efeito de conhecimento, este trabalho ver os esportes alternativos como esportes de outras culturas, de outros países e até

mesmo variados esportes dentro do Brasil que são poucos aproveitados no ensino médio e que poderiam fornecer aos alunos uma pluralidade de conhecimentos.

Notamos que dia após dia a tecnologia se faz presente nas casas dos brasileiros e se torna parte do cotidiano de cada um de nós, prova disso, é a própria televisão que consome nosso tempo frente a ela. Fora os computadores, os tablets e os celulares que tem substituído o convívio e a comunicação face a face por algo subjetivo e sem contato, ou melhor, por algo virtual. É todo um conjunto tecnológico é acompanhado pelo crescimento exponencial das redes sociais, onde as pessoas passam a ter um relacionamento horizontal na comunicação gerado por uma maior facilidade e rapidez com que a informação tem chegado nas mãos do receptor. Portanto, é muito fácil deixar-se seduzir e ser guiado pelo mundo virtual por conta da interatividade, da versatilidade e do entretenimento que essa realidade nos proporciona. E isso, acaba por nos deixar acomodados e alienados com todo o imediatismo com que temos o “mundo em nossas mãos”.

O aluno do ensino médio tem utilizado com bastante veemência as tecnologias e, juntamente com elas, as redes sociais. A informação tem chegado com determinada facilidade nas mãos deles, tornando-os de certa forma, mais acomodados, porém mais “informados” do que a geração anterior. Já no ano da sua pesquisa, Darido (2004) mostrava que, o avanço da tecnologia era responsável por um estilo de vida mais sedentário dos alunos daquela época. Sem sombras de dúvidas, muitas mudanças ocorreram desde a pesquisa da Darido até agora. O gosto da sociedade brasileira e o seu comportamento corporal foram mudando, seja por questões impostas pela mídia, ou por questões sociais, econômicas e políticas. Brincadeiras que víamos há 10 anos já não são vivenciadas hoje, pelo contrário, os grandes passatempos agora são aplicativos que causam entretenimento diante de um celular ou em uma tela de computador.

Os alunos estão se fechando para a riqueza que o mundo pode oferecer a riqueza do contato, da vivência, do movimento, da comunicação corporal e da comunicação face a face. Não há mais motivação para eles em querer vivenciar essa realidade palpável. Porém, devido a uma consequência da tecnologia, é nítido que, se houver algo que interesse os alunos e cause certo entretenimento, lógico, eles irão se envolver e mostrar motivação naquilo que está despertando a curiosidade. E cá entre nós, a educação física na escola pode oferecer isso.

No ensino médio, eles passam a ter uma maior autonomia, um pensamento mais crítico, uma melhor consciência do seu próprio corpo onde ocorrem mudanças anatômicas e fisiológicas gerando alternâncias nas emoções, as preocupações aumentam, as dúvidas

nascem e ainda por cima, tem a pressão social e familiar pedindo para ele ser alguém importante no mundo.

O que ocorre, é que o jovem, já nos anos finais do fundamental, começa a ter um pensamento mais crítico e a se preocupar com coisas que ele considera mais importante para sua vida social, familiar e profissional. Todo esse emaranhado acaba refletindo na disciplina educação física, onde seus conteúdos passam a ser considerados, para eles, ultrapassados e repetitivos. Isso vem ocorrendo desde os anos finais do ensino fundamental e desabrochando nitidamente no ensino médio (Caviglioli, 1976; Betti, 1986; Darido, 2004; Zonta, Betti & Liz, 2000). Os alunos vêm demonstrando um grau de desmotivação progressivo em relação às aulas de educação física. Diante de toda essa realidade, a conduta do professor como mediador do novo é essencial para despertar o interesse da turma pelo conteúdo e até mesmo, afetando incisivamente a motivação dos alunos (AMES, 1992).

Todavia, não é exatamente isso que temos observado e testemunhado nas aulas de educação física do ensino médio. Notamos, que a relação professor-aluno tem ocorrido de uma maneira distante, onde o professor é aquele que detém todo o conhecimento científico e, por conta disso, ira despeja-lo completamente na cabeça do aluno. Às vezes o próprio professor acaba se esquecendo que o aluno tem sentimentos e que necessita de uma relação compreensiva, construtiva e amigável para melhor interação entre aluno-professor e vice-versa. Porém, é necessário que o professor como mediador da relação escolar, tome iniciativa para melhorar a comunicação e a relação com os alunos (SANTOS, 2001).

A interação entre professor e aluno tem sofrido desgaste no decorrer do tempo, principalmente na educação física escolar. As barreiras entre o educando e o educador tem se tornando maior com o passar do tempo e, em muitos casos, acaba por prejudicar até mesmo a motivação do professor quando não é correspondido pela turma diante da proposta de um conteúdo. Além disso, estudos¹⁴ nos mostram que após o professor passar um conteúdo prático para o aluno, ele - o professor - fica na maioria do tempo só observando ou fazendo outras tarefas ao invés de ajudar o aluno a vencer os obstáculos que a atividade propõe e leva-lo a uma reflexão daquilo que ele está realizando. Toda essa “bola de neve” gera desmotivação tanto para o aluno quanto para o professor.

Sabemos muito bem que o sistema de ensino que temos atualmente no Brasil não colabora para a eficiência da nossa área dentro da escola, todo um conjunto envolvendo governo, estrutura escolar, falta de materiais necessários para a realização das mais diversas

¹⁴ Como “Educação física escolar na cidade de pelotas-rs : contexto das aulas e conteúdos” Milena de Oliveira Fortes e seus colaboradores

aulas de educação física, espaços destinados a essa disciplina totalmente caído aos pedaços, a exclusão da disciplina de projetos políticos pedagógicos da escola, entre outros fatores. Tudo isso acaba dificultando a nossa atuação dentro da escola. Porém, vale ressaltar, que nem sempre teremos materiais e espaços para a realização de determinado conteúdo. E nem por isso, podemos parar de ensinar por conta de fatores exteriores. Portanto, já que é para ensinar, então, que possamos realizar o nosso melhor.

O professor de educação física deve ter consciência que ele tem um papel primordial no ambiente escolar. Como mediador, ele tem a oportunidade de perceber com maior facilidade aquele aluno que não participa das aulas por timidez, por medo de errar ou de ser zombado pelos colegas, por vergonha do seu próprio corpo, por complexo de inferioridade, por problemas físicos, além dos problemas familiares e problemas pessoais, entre tantos outros fatores. Por isso, o professor tem o papel decisivo de ser o estimulador em criar condições que favoreçam a cooperação, inclusão e a criatividade, tornando os alunos mais conscientes dos seus próprios corpos, da cultura onde vivem, do contexto social, político e econômico onde estão inseridos. Ou seja, proporcionando aos alunos um ensino que os instiguem a serem mais autônomos e críticos diante da realidade que os cerca. Em consequência, a importância do grau de motivação do professor influencia significativamente o aprendizado do aluno, e, sendo mais radical, o professor tem uma função primordial em saber o que irá motivar seus alunos a terem um melhor aprendizado.

Para que isso ocorra de maneira evidente se faz necessário que o professor de educação física tenha clareza da riqueza que essa área pode proporcionar. A possibilidade de vivências corporais que ela pode oferecer e que o professor tem a oportunidade de abordar das mais variadas formas possíveis como conteúdo pedagógico, utilizando-se de metodologias que beneficie e motive os alunos a querer aprender e a viver mais e mais. Logo, um dos conteúdos bastante interessantes de serem trabalhados na escola, são os esportes alternativos. Não me refiro aos esportes tradicionais, velhos amigos de muitos professores de educação física, pelo contrário, o leque esportivo dentro da escola abordando esportes alternativos que sejam praticados nos campos, nas ruas, em diferentes regiões do país e, até mesmo, esportes que estejam inseridos na nossa cultura, serviriam como um ótimo instrumento para motivar os alunos a participarem das aulas e além do mais, para uma melhor valorização da nossa área.

Darido, em um estudo publicado em 1999, ao referir-se sobre os trabalhos de De Àvila (1995) e Melo (1997), mostra que, a primeira autora implementou uma proposta de atividades rítmicas e expressivas no ensino médio, onde notou que as alunas que não participavam das

aulas, começaram a participar da atividade, sobre o argumento de que não precisavam competir e nem jogar bola. Já o segundo autor, implementou um programa baseado em jogos para os alunos do ensino médio, onde, ao final do programa, os alunos relataram positivamente sobre os conteúdos e que deveriam ser regulares nas aulas de Educação Física.

Nestes trabalhos ficou evidenciado que podem ser experimentados outros conteúdos com o ensino médio, para além do basquetebol, voleibol e futebol, principalmente quando o aluno já experimentou no ensino fundamental diferentes modalidades ele têm condições de optar por aquilo que lhe dá prazer e conhecimento (DARIDO, 1999, p.140).

Logo, a Educação Física se tornar um ótimo veículo para a utilização de diferentes conteúdos com o propósito de fazer com que o aluno se interesse mais pela aulas e tenha acesso a uma dimensão de culturas corporais que podem lhe trazer ganhos para a vida adulta. Sendo assim, partindo do vasto leque da cultura corporal que a Educação Física escolar abarca, para Barbosa (2013, p. 287), os “[...] conteúdos da cultura corporal podem ser trabalhados em toda a sua extensão: no aprender a conhecer, a fazer, a ser e a viver, bem como, nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.”. Portanto, a cultural corporal é fundamental para ampliar no aluno o seu conhecimento acerca da pluralidade de conteúdos e seus benefícios no cotidiano do dia a dia.

Toda essa diversidade que o esporte pode nos proporcionar dentro da escola pode ser um fator que poderá influenciar de maneira significativa na construção do conhecimento corporal, cultural, social e científico dos alunos, além de valorizar a autonomia e o senso crítico dos mesmos (BETTI, 1993; PEREIRA, 2004). Isso se deve pela grande variedade de esportes que existem dentro do país e mundo a fora, e que por uma questão cultural e midiática, acabamos não tomando conhecimento sobre eles na escola. Desconhecemos as origens, os contextos históricos, sociais e culturais dos mais variados esportes existentes, além dos benefícios que os esportes alternativos podem trazer para o indivíduo num todo. Segundo Santos e Nista-Piccolo (2011, p. 75), um fator preponderante que dita nos gostos dos alunos relacionados a educação física, é “[...] a chamada mídia, que influenciam de maneira decisiva a Educação Física, informando e, muitas vezes ditando normas, construindo significados, modalidades e formas de consumo especialmente no esporte, pois os alunos vivenciam essa mídia de forma efetiva.”

Contudo, sabemos que a predominância do esporte é um aspecto primário nas aulas de educação física. E o motivo do esporte na escola ser visto por muitos autores como algo a ser menos enfatizado, se deve, ao ensino do conteúdo esportivo se restringindo somente aos

tradicionais como futsal, voleibol, basquete e handebol, e que são ensinados, em muitos casos, sem compromisso e sem uma reflexão do que está sendo ministrado, valorizando sempre a técnica e os mais habilidosos e prejudicando no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, os esportes tradicionais que são ensinados repetidas vezes nas aulas de educação física do ensino médio são abordados pelos professores como algo recreativo (rola bola) ou como uma aula voltada para o rendimento, onde o esporte tem o fim nele mesmo.

Dessa forma, educação física na escola não deve tratar o esporte da mesma maneira como ele é abordado no âmbito extraescolar voltado para o esporte como conteúdo de alto rendimento, para os movimentos mecanizados, valorizando os mais habilidosos e enaltecendo uma competição impregnada pela ideologia capitalista, onde o atleta tem de vencer a qualquer custo.

A compreensão limitada do tema esporte tem levado muitos professores a confundirem os objetivos da instituição escolar com os objetivos da instituição esportiva, confundirem também o papel de educador com o de treinador, de aluno com atleta, de educação com treinamento (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011, p. 74).

Para adotar os esportes alternativos como conteúdo da disciplina Educação Física, é importante entendermos que a educação física na escola exerce um papel totalmente diferente do esporte-espetáculo, do alto rendimento, da valorização da técnica ou dos mais habilidosos e de atividades alternativas fora da escola, ou seja, a educação física na escola é diferente da educação física extraescolar. No âmbito escolar, para Betti e Zuliani (2002, p. 75) a educação física visa:

Introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. [...] É tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível.

Portanto, a educação física escolar objetiva utilizar instrumentos, a partir de um conteúdo pedagógico bem sistematizado, que trabalhe o indivíduo como um todo envolvendo os aspectos históricos, culturais, sociais, políticos, afetivo, cognitivo, social, físico e motor.

Daí vem à função do professor como orientador e mediador de novos conteúdos que possibilitem aprendizados mais amplos para os alunos. O compromisso com as mais diversas e variadas manifestações corporais se faz importante como conteúdo pedagógico. Tendo em vista que, o professor enfatiza em apenas uma pequena parcela dessa diversidade que a

educação física pode nos proporcionar. Vale ressaltar, que, a forma como o professor irá trabalhar esses conteúdos se faz de extrema importância no processo de ensino e aprendizagem, pois o mesmo poderá apenas ensinar os alunos a “fazer por fazer”, ou, pode utilizar os esportes alternativos de maneira consciente, valorizando sempre o diálogo com os alunos para que eles possam ter uma reflexão sobre a ação e uma ação pautada sobre a reflexão¹⁵, além incentivar a cooperação, a inclusão e o lúdico abordando aspectos da realidade do indivíduo (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011).

Portanto, os esportes alternativos como o badminton, o ultimate frisbee, o futebol americano, o cricket, o rugby, o quadribol, o atletismo, o tênis e as suas modalidades, as lutas, entre outras tantas manifestações esportivas, quando trabalhados pedagogicamente, podem elevar o nível da aula assim como instigar no aluno a sua participação, interação com a turma e a atividade, onde levará significados e aprendizagens para fora da escola e para a vida adulta.

A Educação Física no 2o grau deve proporcionar ao aluno conhecimento sobre a cultura corporal de movimentos, que implicam compreensão, reflexão, análise crítica, etc. A aquisição de tal corpo de conhecimentos deverá ocorrer em relação as vivências das atividades corporais com objetivos vinculados ao lazer, saúde/bem estar e expressão de sentimentos. Este objetivo precisa ser garantido a todos os alunos, pois permitirá uma plena autonomia no usufruto das formas culturais do movimento (DARIDO, 1999, p.140).

Sendo assim, é plausível a intenção que qualquer professor tenha em trabalhar conteúdos que vão além dos esportes tradicionais abordados repetitivas vezes no âmbito escolar. Isso demonstra o quão rico pode ser a educação física na escola tendo o esporte, sendo mais específico os alternativos. É de uma importância primordial no processo de ensino e aprendizagem e na motivação dos alunos em participarem mais das aulas. Dessa forma, devido à essa dimensão de conteúdos, este trabalho irá conhecer, demonstrar e analisar a importância dos esportes alternativos ensinados no ensino médio das escolas públicas do DF e as suas consequências no processo de ensino/aprendizagem.

¹⁵ “Competições escolares: reflexão e ação pedagógica do esporte para fazer a diferença na escola” de Riller Silva Reverdito e seus colaboradores

2. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Essa fase do trabalho consiste em trazer toda a estrutura organizacional com que foi delineado este estudo. Portanto, iremos expor aqui os procedimentos utilizados na pesquisa e os meios para obtermos as respostas diante do problema exposto. Sendo assim, será evidenciada a especificidade de cada procedimento e a utilização dele para esta pesquisa, assim como, a escolha dos sujeitos da pesquisa e coleta de dados. Resumindo, essa próxima etapa estará pautada nos procedimentos e no sujeito da pesquisa.

2.1. Objetivo da Pesquisa

Este estudo tem por finalidade chegar à luz dos fatos através de um olhar científico em busca da averiguação dos fenômenos recorrentes em nossa sociedade ou, no caso específico deste estudo, buscamos nos restringir aos professores de Educação Física do ensino médio do Guará-DF. Pra Gil (2008, p. 8) “o que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade”, assim sendo, este trabalho mergulhou em estudos passados para criar e fundamentar a hipótese pensada e relacionar o andamento da pesquisa com os objetivos que nortearão este estudo.

2.1.1 Objetivo Geral

Analisar a influência dos esportes alternativos como conteúdo na formação e no processo de ensino-aprendizagem nos alunos do ensino médio das escolas públicas do Guará-DF.

2.1.2 Objetivos específicos

- Observar nas falas dos professores quais motivos estaria desvalorizando ou valorizando a Educação Física escolar.
- Identificar a relação dos professores com os esportes alternativos e os fatores que permeiam possível aplicação desse conteúdo em suas aulas.
- Identificar quais fatores poderiam levar os alunos a não participarem das aulas de Educação Física e se os Esportes Alternativos contribuiriam na motivação dos mesmos.

2.2. Procedimentos da Pesquisa

A seguinte pesquisa tem por objetivo evidenciar a importância dos esportes alternativos como conteúdos no ensino médio das escolas públicas do Guará-DF, partindo da visão dos professores de Educação Física. Para isso, toda a construção desta pesquisa está fundamentada em estruturas que a caracteriza como um estudo qualitativo. A interpretação dos dados é uma das bases do estudo qualitativo, ou seja, funciona como ponto de partida para identificar pontos importantes e, após isso, interpreta-los conforme seu significado teórico e pessoal, para depois relatar os aprendizados obtidos e concluí-los com mais perguntas para estudos futuros. (CRESWELL, 2007). Ainda segundo o autor,

A pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural. O pesquisador qualitativo sempre vai ao local (casa, escritório) onde está o participante para conduzir a pesquisa. Isso permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes. Creswell (2007, p.186):

O objetivo não é quantificar determinado fenômeno, pois esta pesquisa não se preocupa com a representatividade numérica, mas com todo o aprofundamento do arcabouço teórico e da compreensão de um grupo social específico, permitindo certo julgamento acerca da problemática (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Portanto, esta pesquisa será desenvolvida a partir de um processo genérico acerca da análise dos dados e, após isso, utilizaremos da interpretação para desmiuçar a problemática. Para Creswell (2007, p.194) a análise de dados “envolve preparar os dados para análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se cada vez mais no entendimento dos dados, fazer representação dos dados e fazer uma interpretação do significado mais amplo dos dados”.

Cabe lembrar que, de acordo com Creswell (2007), esse processo genérico das análises de dados encontrado em boa parte nos estudos qualitativos pode ser dividido em seis passos:

- O primeiro passo consiste em *organizar e preparar* os dados para análises. Ou seja, fazer todo o processo de transcrição das entrevistas a partir de uma boa leitura do material, além de classificar os dados encontrados em diferentes categorias.
- O segundo passo é a *leitura de todos os dados*. No sentido geral, é ter uma visão ampla das informações coletadas e refletir de uma maneira global. Sendo mais claro, perceber a ideia geral nas falas dos participantes, a profundidade, a credibilidade das informações e a utilidade que elas terão para o pesquisador.

- O terceiro passo está voltado para a *organização dos dados em grupos*, onde serão rotulados com determinado termo voltado para a linguagem real do participante.
- Já o quarto passo consiste em *descrever informações detalhadas* dos participantes, dos locais ou fatos em determinado cenário. Depois, *codificar* os principais resultados, separados dos resultados de estudos, tornando as principais informações mais evidentes para o pesquisador e para o leitor.
- O quinto passo está orientado na forma como a descrição será representada, isto é, com temas interconectados.
- Por fim, o sexto passo expressa-se na *interpretação* dos dados ou um significado para os mesmos. Ou seja, quais foram as lições aprendidas com os dados coletados? Sendo que, essas lições podem ser de interpretação pessoal do pesquisador ou da comparação com determinados resultados de estudos ou teorias existentes, podendo ser confirmadas informações passadas ou divergindo delas.

Outro fator importante que compõe certa parte deste estudo é o seu caráter exploratório. Tendo em vista todo o levantamento bibliográfico para expor e habituar o leitor ainda mais com o problema. Partindo do pressuposto que “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.35). Gil (2008) evidencia que o caráter exploratório envolve o levantamento de conteúdos bibliográficos e documentais, que leva características e técnicas qualitativas. Isso faz com que a pesquisa exploratória dê uma visão ampla e uma maior aproximação do fato estudado.

Então, para buscar uma melhor organização da elaboração desta pesquisa, podemos dividi-lo em três fases: a primeira consiste no apanhado teórico próprio para fundamentar o problema abordado neste estudo, por isso o caráter exploratório se faz presente na fase inicial com as revisões bibliográficas (GIL, 2008). Tais revisões eram referentes a conteúdos que tinham relação com os esportes alternativos, os conteúdos da educação física no ensino médio e a atuação dos professores de educação física na rede pública.

A segunda fase, necessária para enriquecer o estudo, está baseada na coleta de dados¹⁶. Portanto, para obter informações pertinentes ao problema aqui elencado, foi utilizado como instrumento de pesquisa o questionário e a entrevista. O questionário foi o primeiro instrumento a ser utilizado. Segundo Gil (2008, p.121), o questionário é uma:

¹⁶ Gerhardt e Silveira (2009) definem como uma fase da pesquisa em que se reúnem os dados necessários através de instrumentos e técnicas específicas.

técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Entretanto, o objetivo de termos aplicado o questionário com oito perguntas abertas, não foi para coletar informações pertinentes ao aprofundamento e desdobramento do problema, pelo contrário, utilizamos o questionário para coletar somente os dados pessoais dos professores, como: sexo, idade, tempo de carreira, etc. Tínhamos em mente que esses dados seriam de fundamental relevância para esta pesquisa e para associação com outros estudos.

A entrevista foi o principal instrumento utilizado neste estudo. Para Creswell (2007) a entrevista envolve procedimentos que pode ser realizada com os participantes face a face, através da utilização de telefonemas ou com grupo de voluntariados. Tendo em vista isso, tornou-se mais apropriado utilizarmos a entrevista face a face com o intuito de diminuirmos qualquer barreira que poderia atrapalhar a comunicação entre o entrevistado e o entrevistador. Além disso, a interação que a entrevista face a face proporciona tornou peça chave para a escolha dessa forma de entrevistar. Gil (2008, pág.109), conceitua a entrevista como:

a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Portanto, partindo da entrevista como instrumento de pesquisa e as variadas formas de aplica-la, optamos por escolher a semiestruturada. A entrevista semiestruturada foi utilizada pelo fato de entendermos que seria de extrema importância o entrevistado falar livremente sobre os temas suscitados conforme o andamento da entrevista (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Triviños (2010, p.146) mostra-nos que “[...] esta, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

As entrevistas foram marcadas previamente mediante uma primeira visita as escolas. O encontro foi realizado face-a-face com os entrevistados, melhorando a interação social e a obtenção dos dados (GIL, 2008). Vale ressaltar, que o roteiro de entrevista foi composto por seis questões abertas, pois o principal objetivo era “extrair visões e opiniões dos participantes” (CRESWELL, 2007, p.190). Para efeito de conhecimento a entrevista foi formulada pensando em uma questão de aquecimento (questão 1), que fala sobre a valorização da Educação Física na escola e que, apesar de não ter tanta relação com o

problema, serve de base para o tema principal; em três questões principais que tem total relação com o tema (questões 3,4 e 6) e que abordam diretamente os esportes alternativos; e por duas questões referente a motivação dos alunos na aulas de Educação Física e que poderia nos dar subsídios para fundamentar as questões 3,4 e 6, além de nos auxiliar no aprofundamento da relação de causa e efeito diante do problema levantado neste estudo. Logo, após e durante todas as entrevistas, as perguntas e as respostas foram armazenadas através da gravação de áudio do entrevistado e do entrevistador e, após isso, as entrevistas foram transcritas (vide em anexos).

Já na terceira fase, sendo a última parte estrutural deste estudo, é onde ocorre a resolução do problema com as análises críticas e interpretativas dos dados obtidos anteriormente. O desfecho do problema evidenciado no estudo vai sendo desmiuçado através da associação das hipóteses com os dados obtidos na pesquisa em campo. Desse modo, com o auxílio das obras e artigos relacionados com tema deste estudo, é que vamos chegando a uma relação de causa-efeito, da natureza e funções relacionadas ao problema deste trabalho.

2.3. Sujeitos da Pesquisa

Tendo em vista que a pesquisa é de caráter qualitativo, resolvemos não escolher o grupo baseado definições estatísticas. Diferentemente disso, definimos como critério questões qualitativas, ou seja, a experiência que o professor tem na escola e a apropriação dos esportes alternativos como conteúdo escolar no ensino médio das escolas do Guará-DF. Assim sendo, o critério utilizado para selecionar os entrevistados girava em torno do que o professor teria a nos oferecer com o seu tempo de experiência nas escolas públicas relacionado aos esportes alternativos.

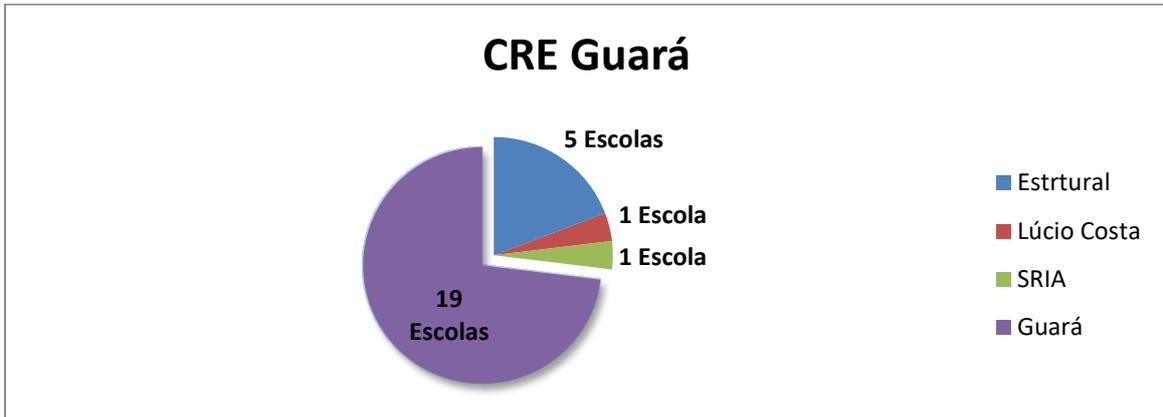
Já os questionários, como falado anteriormente, foram utilizados como complemento para reforçar a entrevista. Isto é, alguns depoimentos dos professores poderiam estar relacionados com o seu tempo de carreira na escola pública, ou com a sua idade, ou com o nível de especialização que ele alcançou após a graduação. Portanto, o questionário foi aplicado para dar suporte às informações coletadas nas entrevistas, além do objetivo deixar mais claro para o leitor às características dos sujeitos pesquisados neste estudo.

Um mapeamento foi realizado no site da Coordenação Regional de Ensino do Guará¹⁷ (CRE Guará), onde obtemos a quantidade exata de escolas públicas voltadas para o ensino médio. De acordo com o gráfico 1, o CRE Guará abarca 26 (vinte e seis) escolas públicas,

¹⁷ O mapeamento foi realizado no site: <http://www.creguara.com.br/novidade/>

sendo que dessas 26, somente 19 (dezenove) são de fato da região do Guará. As outras 7 (sete) são de regiões como: a Estrutural, o Setor Residencial Industria e Abastecimento e o Lucio Costa.

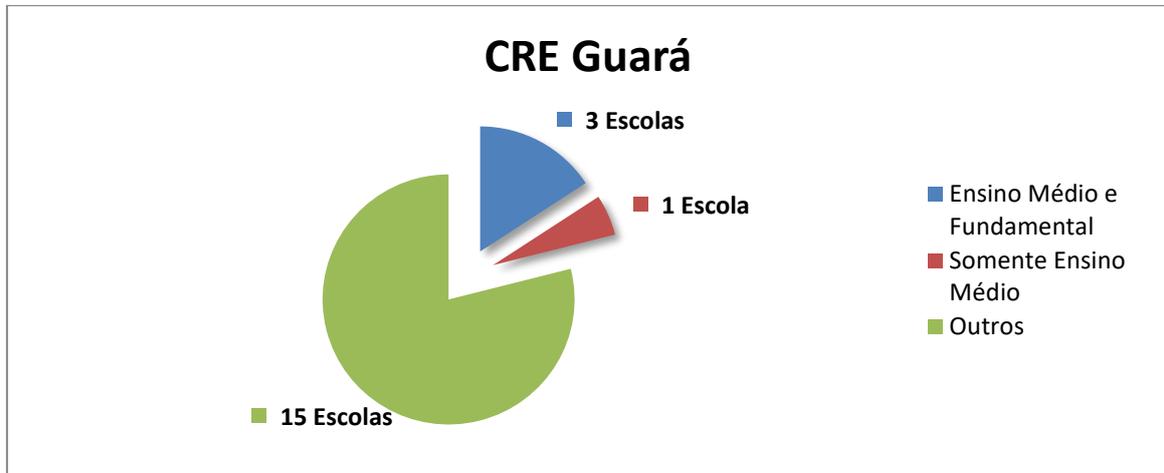
Gráfico 1- Total de escolas nas regiões administrativas que o CRE Guará coordena.



Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

Já o gráfico 2 mostra que dentro das 19 escolas públicas do Guará, apenas 4 (quatro) escolas possuem o ensino médio. Sendo mais claro, dentro dessas quatro escolas, 3 (trs) são voltadas para o ensino médio e fundamental, e 1 (uma) tem somente o ensino médio. Sendo elas, o Centro Educacional 04 do Guará, Centro Educacional 01 do Guará, Centro Educacional 03 do Guará – essas três escolas comportam o ensino médio e fundamental -, e o Centro Educacional 02 do Guará que, por sua vez, são tem ensino médio. Então, como estudo envolve os professores que atuam no ensino médio, resolvemos optar por realizar a entrevista com os professores de educação física dessas escolas.

Gráfico 2 – Escolas do ensino médio que o CRE Guará coordena somente na região do Guará I e II.



Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

Por entendermos que a quantidade de escolas no Guará voltadas para o ensino médio eram poucas, resolvemos então, escolher as quatro para realizar a pesquisa em campo. Portanto, seriam entrevistados um professor (ra) de cada escola, independentemente do sexo, da idade, da carga horária, entre outras variáveis. O nico pré-requisito  que experiência em dar aulas para o ensino médio nas escolas públicas escolhidas da região do Guará.

2.3.1. Perfis dos Professores Entrevistados

Os professores foram escolhidos, não por um parâmetro pré-estabelecido, mas por entendermos que os mesmos tinham a capacidade de responder qualitativamente as perguntas de maneira relevante e por serem agentes no contexto da rede pública escolar. Portanto, escolhemos um professor de Educao Física de cada uma das escolas selecionadas, como já citado no capítulo referente ao delineamento metodológico, sendo eles, dois homens e duas mulheres. Para preservar a identidade do professor voluntariado resolvemos denomina-los de P1, P2, P3 e P4. Os professores do sexo masculino são o P1 e o P2, já do sexo feminino é a P3 e a P4.

Foi entregue a cada professor o TCLE (Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento) que detalhava parte por parte quantas questões seriam abordadas, o tema da pesquisa e a privacidade dos professores entrevistados. Após a leitura do TCLE, os professores se dispuseram a serem entrevistados e responderem todas as questões abertas. Além disso, foi explicado a eles a necessidade do termo ser lido atentamente e assinado antes de iniciar a entrevista face a face, posteriormente, a entrevista foi realizada em um local

reservado para preservar os professores e a própria entrevista de agentes externos. Portanto, após a obtenção de todas as falas dos professores e já com o intuito de situar o leitor a este capítulo, resolvemos detalhar os dados de entrevistas para que, já nesta fase da análise dos resultados, possamos ter a clareza das diferenças que cada professor apresenta e carrega consigo, e o que poderia nos ajudar a interpretar os dados coletados nas entrevistas que serão expostas mais a frente. Para melhor compreensão das falas dos professores, transcrevemos as gravações para uma página em branco. Uma página em branco com um conjunto de configurações padronizadas, a fonte da letra, o tamanho e o seu espaçamento, é o que denominamos de lauda.

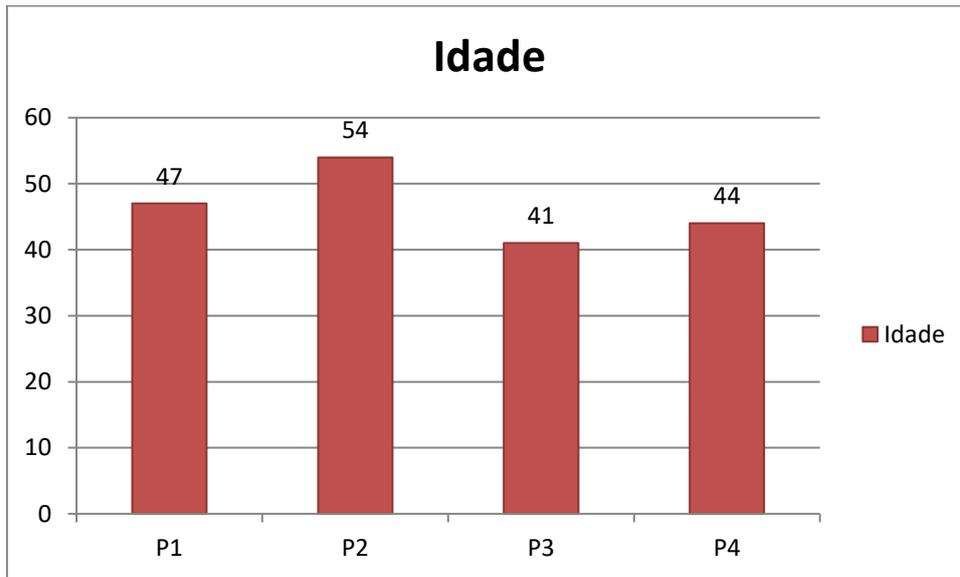
Quadro 01 – Detalhamento das Entrevistas Realizadas

Professores	Duração	Transcrição
P1	00:06:55	3 laudas
P2	00:19:47	7 laudas
P3	00:02:07	2 laudas
P4	00:07:00	3 laudas

Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

Os dados apresentados neste subcapítulo foram coletados através do questionário, como abordado no delineamento metodológico, para apresentar informações que diz respeito à idade, ao tempo de carreira e ao nível de especialização. Essas informações foram consideradas de extrema relevância para este estudo e que poderão nos ajudar nas análises e interpretações das entrevistas.

O gráfico a seguir refere-se à idade dos professores voluntariados, podendo servir de instrumento para a discussão mais adiante e para esclarecer ao leitor a faixa etária dos professores entrevistados. O que vemos no gráfico 3 é que o professor de sexo masculino (P2) tem mais idade em comparação com os outros professores. Já a P3 é a mais nova quando entre todos eles.

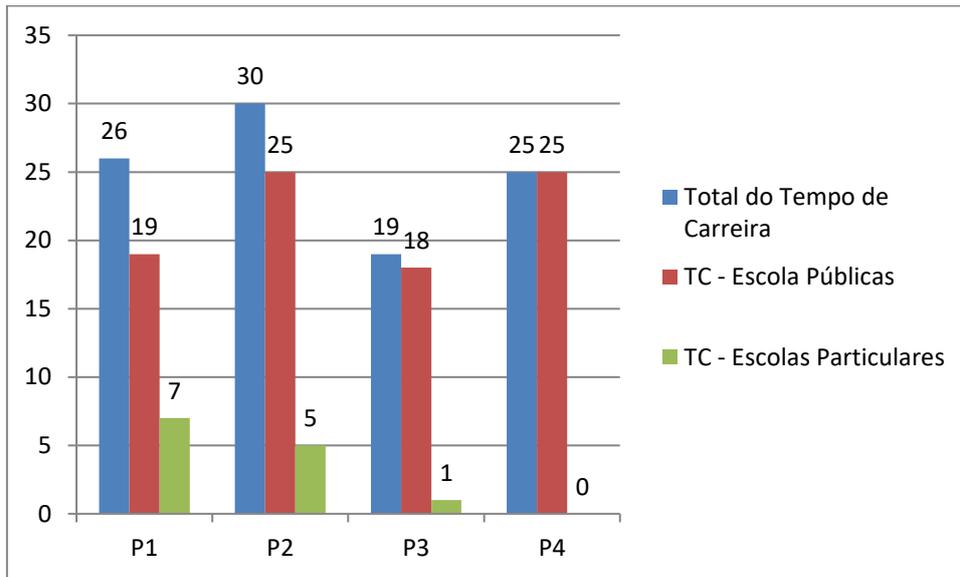
Gráfico 3- Idade dos professores que foram entrevistados.

Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

É mostrado no gráfico 4 o tempo de carreira de cada professor, sendo que, dentro do tempo de carreira total (representado pela cor azul), nós temos o tempo nas escolas públicas (representado pela cor vermelha) e nas escolas particulares (representado pela cor verde). Portanto, esse gráfico de comparação mostra que somente a professora P4 não teve nenhuma vivência em escolas particulares durante a sua trajetória como professora, ou seja, o total do tempo de carreira dela foi realizado somente em escolas públicas. Todos os professores entrevistados demonstraram terem experiências significativas em escolas públicas, o que fortalece a ainda mais o nosso critério de inclusão¹⁸ dos entrevistados que consistia em ter um bom tempo de atuação nas escolas públicas

¹⁸ Abordado no segundo parágrafo do subcapítulo: Sujeitos da Pesquisa.

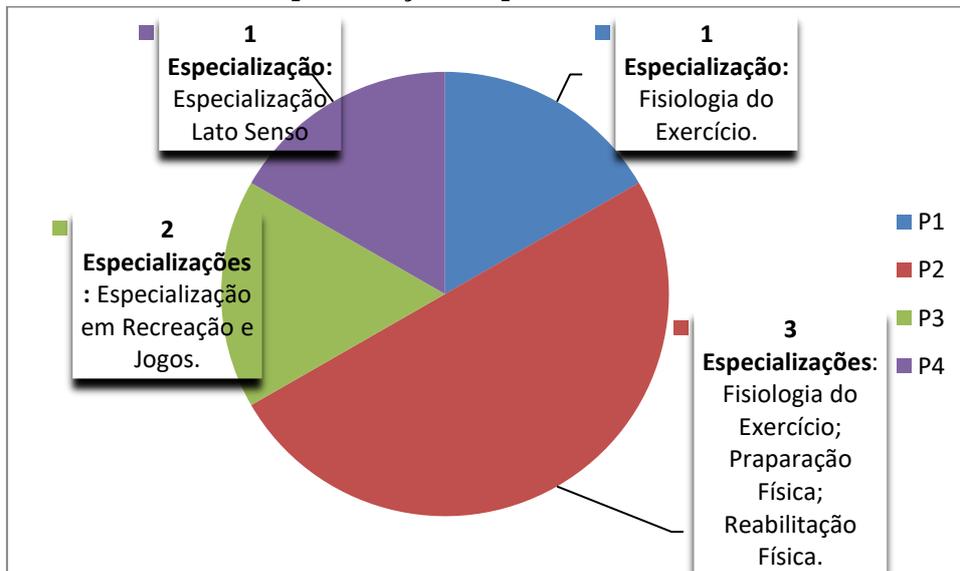
Gráfico 4 – Tempo de atuação dos professores em escolas.



Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

E para finalizar o detalhamento dos perfis dos professores entrevistados, procuramos saber o nível de especialização de cada professor. Essa informação pode nos dar uma ideia da base que rege a metodologia que o professor utiliza em suas aulas e a sua visão acerca da Educação Física no ensino médio. Sabendo da importância de se obter o máximo de informações possíveis, o gráfico 5 detalha a quantidade de especializações que cada um dos professores tem, onde mostra o quão cada professor se aprofundou na sua área para fornecer um ensino de qualidade aos alunos.

Gráfico 5 – Grau de especialização dos professores.



Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

Logo, procuramos demonstrar através dos perfis dos professores entrevistados à questão da heterogeneidade dos nossos sujeitos de pesquisa. Além disso, evidenciamos através dos gráficos pontos que podem ser trabalhados em futuros estudos para enriquecer mais ainda a nossa área. Sendo assim, o passo a seguir será a trazer ao leitor os dados obtidos através das entrevistas parte por parte, onde iremos analisar e interpretar detalhadamente cada comentário dos professores referente a cada pergunta.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Pontos importantes de obras foram levantados no capítulo anterior com o intuito de trazer suporte para os dados que serão expostos nesta fase do trabalho. O suporte teórico do trabalho serve de base para deixar mais claro o que será mostrado nesta parte da pesquisa, por isso a necessidade da interconexão entre o capítulo anterior e o desenvolvimento do capítulo que esta se iniciando.

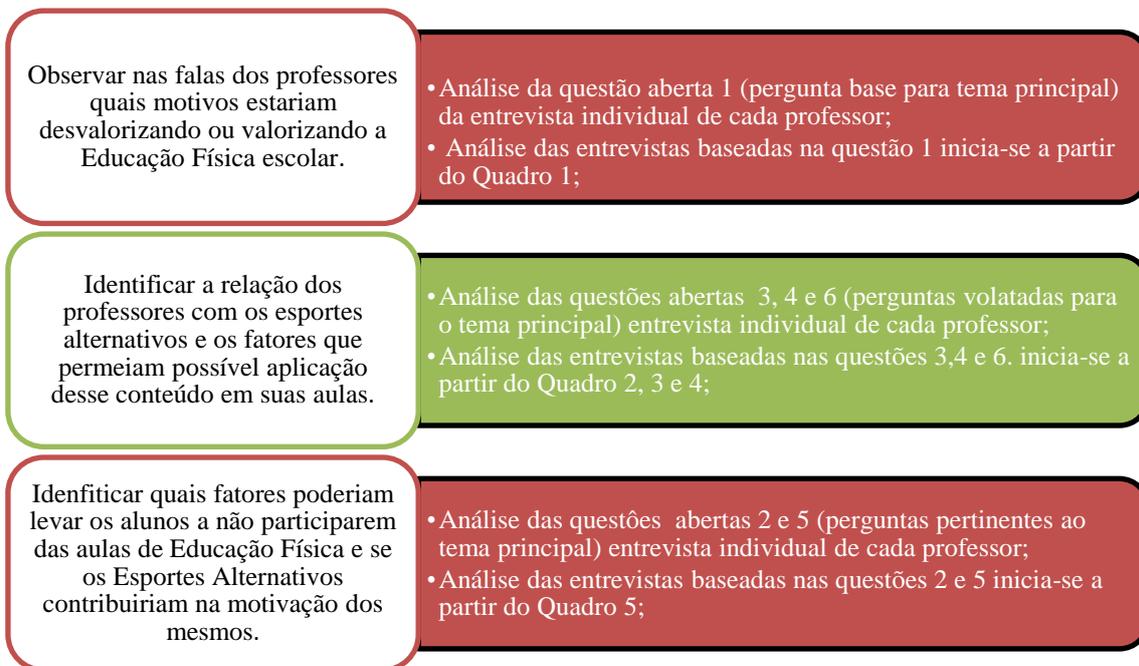
Os temas suscitados estão relacionados com os pontos específicos que estabelecem profunda relação com o problema principal estudado nesta pesquisa. Sendo assim, o que foi tratado no capítulo anterior tem por objetivo esclarecer e fomentar respostas para os questionamentos que foram surgindo no decorrer do estudo, a fim de relacionar os Esportes Alternativos com os discursos dos professores de Educação Física do ensino médio. Portanto, essa fase do trabalho tem como foco evidenciar os dados obtidos, além de analisa-los, interpreta-los e discuti-los, associando sempre com o tema da pesquisa, ou seja, os Esportes Alternativos como conteúdos da Educação Física escolar no ensino médio das escolas públicas do Guará-DF.

Logo, tendo em vista todo o procedimento de estruturação das questões abertas, a relação delas com o tema principal e o objetivo de cada uma dentro da pesquisa, resolvemos organizar a apresentação e análise de dados da seguinte maneira: apresentação dos professores do ensino médio da rede pública do Guará que se dispuseram a serem entrevistados; os motivos que levariam a desvalorização da Educação Física na escola; análise dos dados voltados para a relação do professor de Educação Física com os esportes alternativos e; análise dos possíveis fatores que poderiam desmotivar o aluno e se os esportes alternativos os motivariam.

Sendo assim, para iniciar o desenvolvimento das análises dos dados obtidos, iremos elencar, primeiramente, os possíveis motivos que causam a desvalorização da Educação Física no ensino médio – pergunta inicial que serve de base para o tema principal. Em seguida, serão desmiuçados os pontos cruciais de cada comentário dos professores relacionado às três perguntas principais que estão diretamente associadas com o tema, ou seja, esportes alternativos. E por fim, tendo em vista o aluno como um dos principais protagonista no ensino médio, mostraremos a visão dos professores sobre os fatores que mais desmotivariam os alunos nas aulas de Educação Física e se os esportes alternativos serviriam como instrumento para motiva-los. Todo o desenvolvimento desta fase do trabalho está fortemente associado com os objetivos específicos que permeiam este estudo, conforme demonstrado na **figura 1**.

Portanto, a ordem dos fatores apresentados daqui por diante irão seguir a lógica dos objetivos específicos com o intuito de deixar mais claro os dados obtidos e as interpretações feitas a partir dos dados coletados.

Figura 1: Esquema sobre a Triangulação dos Instrumentos/Dados



Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

3.1. A Importância da Educação Física como Componente Curricular

Após uma breve apresentação do conjunto de características pessoais dos professores de Educação Física entrevistados, iniciaremos as análises e discussões dos resultados obtidos através da interpretação das situações apresentadas. Portanto, vamos expor as reflexões dos professores referentes à questão 1 (Na sua visão como professor (a), a Educação Física já conquistou seu espaço no âmbito escolar sendo valorizada pelos alunos como uma disciplina importante no currículo? Se não, qual poderia ser a causa da desvalorização da disciplina?). Não a possibilidade de abordar a Educação Física sem antes vermos, através das falas dos professores, seu real sentido na escola, principalmente no ensino médio. Sendo assim, esse assunto serve de base para o tema principal.

Quadro 02 – Discurso dos professores sobre a valorização da Educação Física como componente curricular (questão 1).

Entrevistados	Discurso
Professor 1	<p>[...] essa questão de valorização é bem complexa, porque, como eu já tenho quase vinte anos de secretaria, eu sempre ouvi essa questão de valorização da educação física, inclusive foi quando colocaram a matéria de educação física dentro da grade com o intuito da valorização. Eu nunca vi por esse lado, principalmente porque os colégios que eu trabalhei, eu impunha pelo meu jeito, pela minha postura, o meu trabalho, a minha maneira e a minha postura de trabalho. Então eu vejo assim, a pessoa que tem dificuldades de trabalhar, de falar que não é valorizado é porque não se impõe com o seu trabalho, sabe. Não é questão de impor a força não, mas mostrar que você se faz presente dentro do colégio. Então muito desses profissionais que falam que não são valorizados é porque se escondem e não mostram o seu trabalho, ai sim, não se tornam valorizado por causa disso, mas não a questão do público valorizar. Aqui no colégio eu não tenho, não sinto discriminação e dificuldade nenhuma relacionada a isso.</p>
Professor 2	<p>Tá caminhando, mas não é muito valorizada. É nós, professores de educação física. Nós, não. Até que eu não posso reclamar disso. Aqui na escola a educação física é muito respeitada [...] tem professor que acha que eles deveriam ganhar mais, porque a matéria deles é mais difícil. E a gente, só porque está na quadra e de bermuda, da uma bola pros meninos, é vista como uma disciplina com horário vago. Isso eu acho que tem muita culpa, acho que muito dos culpados somos nós mesmos. A gente não pode culpar governo, a gente não pode culpar as instituições, as instituições de ensino superior, porque elas nos ensinam que não pode ser assim. Só que na pratica é mais cômodo, ainda mais no serviço público, porque o seu salário vem se você der uma boa aula, se você der uma péssima aula, ele vai continuar a mesma coisa. Então, o que eu vejo muito é um comodismo da nossa área [...] Eu acho que nós professores, assim como os touros, a gente não tem noção da força que temos. E eu percebo isso aqui na escola, percebo nos alunos. Porque nós entramos em quase todas as áreas, eu acho que em todas as áreas [...] O aluno quando tá com um problema em casa, com problemas pessoais ele procura o professor de educação física porque é mais aberto pra poder ouvi-lo.</p>
Professor 3	<p>Não. Não é valorizada. Com essa nova nomenclatura ai no ensino médio a educação física vai passar a ser, depois de um ano e meio, no bloco de um ano e meio, vai passar a ser optativa.</p>
Professor 4	<p>Eu acho que depois que a educação física veio pra dentro da grade horária ela ficou mais vista, porque antes, quando a gente chegava à escola no contra turno, o menino</p>

	<p>vinha fazer a modalidade e ir embora, os outros professores não vinham o nosso trabalho como veem hoje. Entendeu? Apesar de que, ai ver pelos dois lados: quando o professor é bom, valoriza. Quando o professor não é tão bom, desvaloriza mais ainda. Porque já não era visto, quanto era fora da grade, era visto até como chato porque tirava o aluno de sala pra competição. Porque quando a educação física era fora da grade a gente era treinador, então a gente montava as equipes e treinava. Formava um atleta, né. Depois que a educação física veio pra grade à gente não tem mais esse perfil, porque não tem como trabalhar uma modalidade pra formação de atleta com mista, turma mista, né. E com turma que aluno vem sem uniforme, vem de sandália... então, perdeu-se um pouco disso, por isso que a educação física mudou o conteúdo, né, pra trazer pra dentro da sala.</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

Quando questionados sobre a valorização da Educação Física como componente escolar, os professores não associaram com a escola onde atuam e muito menos com a nova reformulação do ensino médio. Somente a P3 associou a desvalorização da Educação Física com a nova mudança no currículo escolar. Para Medina (2007), é necessário que a Educação Física entre em uma espécie de crise acerca da sua função como matéria na instituição escolar, com os seus padrões de conteúdos e comportamentos por parte dos professores, para que ela possa continuar evoluindo como uma área de atuação e educação. Para ele, a crise na Educação Física tem um papel importante e:

[...] decisivo, que traz à tona praticamente todas as anomalias que perturbam um organismo, uma instituição, um grupo ou mesmo uma pessoa. E este é o momento crucial em que se exigem decisões e providências rápidas e sábias, se é que pretendemos debelar o mal que nos aflige. Muitas vezes, por trás de certas situações de aparente normalidade, escondem-se as mais variadas distorções ou patologias, que em virtude daquela aparência não são colocadas em questão (MEDINA, 2007, p.19).

Os outros três professores evidenciaram em suas falas a atuação dos professores de educação física como principal causador da desvalorização da nossa área no âmbito escolar. Para o P1, os professores que não atuam bem nas suas aulas e não ensinam direito determinado conteúdo, são os que mais dizem que a nossa área não é valorizada.

“eu vejo assim, a pessoa que tem dificuldades de trabalhar, de falar que não é valorizado é porque não se impõe com o seu trabalho, sabe. Não é questão de impor a força não, mas mostrar que você se faz presente dentro do colégio. Então muito desses profissionais que falam que não são valorizados é porque se escondem e não mostram o seu trabalho, ai sim, não se tornam valorizado por causa disso”
(Professor 1).

Já o P2, deixou bem claro que a Educação Física está caminhando rumo a uma área mais respeitada, todavia, ainda tem muito que se conquistar. O ambiente que a Educação Física envolve com a quadra, ao ar livre e pouco tempo em sala de aula, para o P2, é visto pelos os outros professores de disciplinas diferentes como uma área pouca necessária na escola e que, por conta disso, deveria ganhar menos “só porque está na quadra e de bermuda, da uma bola pros meninos, é vista como uma disciplina com horário vago”. No entanto, foi perceptível a prevalência nos comentários do P2 sobre a postura do professor de Educação Física como principal causa que procrastina a valorização da área no âmbito escolar.

“Isso eu acho que tem muita culpa, acho que muito dos culpados somos nós mesmos. A gente não pode culpar governo, a gente não pode culpar as instituições, as instituições de ensino superior, porque elas nos ensinam que não pode ser assim. Só que na pratica é mais cômodo, ainda mais no serviço público, porque o seu salário vem se você der uma boa aula, se você der uma péssima aula, ele vai continuar a mesma coisa. Então, o que eu vejo muito é um comodismo da nossa área” (**Professor 2**).

Os entrevistados evidenciaram em suas falas um suposto comportamento em que os professores de Educação Física insistem em permanecer. Seria uma espécie de inercia que insiste em permanecer nas atitudes, nos conteúdos e nas concepções que tantos profissionais da Educação Física escolar ainda carregam. Para Medina (2007, p. 84):

Só poderemos crescer na medida em que aprendermos a superar todas as contradições em que estamos envolvidos constantemente em nossa cultura e, ao mesmo tempo, a conviver com elas. Se a situação alienante em que vivem a nossa Educação e a nossa Educação Física ainda não foi percebida por muitos de seus profissionais, é sinal de que algo de bastante grave está ocorrendo.

E ainda para ratificar essa visão de que o professor de Educação Física é o principal causador de uma má interpretação da nossa área dentro da escola, a P4, destaca a importância do professor como peça chave para reverter certos pré-conceitos que perseguem a Educação Física escolar “apesar de que, ai ver pelos dois lados: quando o professor é bom, valoriza. Quando o professor não é tão bom, desvaloriza mais ainda”. Além disso, ela ainda observou que a mudança da Educação Física para dentro da grade ocasionou modificações nos conteúdos da disciplina, passando a dar mais valor ao aluno do que ao atleta em si.

“Depois que a educação física veio pra grade à gente não tem mais esse perfil, porque não tem como trabalhar uma modalidade pra formação de atleta com mista, turma mista, né. E com turma que aluno vem sem uniforme, vem de sandália... então, perdeu-se um pouco disso, por isso que a educação física mudou o conteúdo, né, pra trazer pra dentro da sala” (**Professora 4**).

Medina (2007) considera importante o professor perceber-se na realidade onde atua e que reconheça a totalidade do homem que se faz presente na aula, em uma sociedade, com todo um sistema funcional a sua volta e que necessita socializar-se, sentir, tocar, pensar, interagir e viver, caso contrário, estará promovendo uma atividade alienante que desconsidera o indivíduo como sujeito, mas como objeto. Sendo assim, Medina (2007, p.30) afirma que:

Em algumas profissões, talvez mais do que em outras, essa percepção do todo, esse desvelar do mundo considerado por meio da interação do sujeito com os outros sujeitos, torna-se ainda mais fundamental. É este o caso do professor, em especial, do professor de Educação Física.

Logo, a ampliação do papel da Educação Física embasada em uma crítica construtiva leva o caminhar dessa disciplina para aspectos mais humanos da sociedade, onde o professor poderá compreender o seu papel como um agente capaz de transformar e aperfeiçoar a realidade onde atua. Por isso, a visão educacional do professor precisa estar voltada para o crescimento dos seus alunos, e não somente isso, é essencial a consciência clara do professor em relação a determinado conteúdo que ele esteja ensinando, se não, estará reproduzindo os mesmos comportamentos citados nos comentários dos entrevistados. Não somente as universidades deverão estar cientes do papel da Educação Física no âmbito escolar, mas, principalmente, os professores que atuam na escola. Eles têm total capacidade de modificar e tornar essa disciplina mais e mais respeitada.

Torna-se, então, necessário uma reinterpretação da Educação Física dentro da escola, principalmente no ensino médio, para que os alunos, os próprios professores da área, os demais professores de outras matérias e os grupos políticos responsáveis pela Educação em nosso país, possam compreender a importância dessa disciplina como obrigatória no Ensino Médio, não somente como algo secundário, que é vista como “rola bola”, além de abordar uma minoria de esportes específicos, mas como uma matéria que incentiva nos alunos ganhos essenciais e necessários para a formação do cidadão e o fortalecimento do emocional, cognitivo, social, cultural, ou seja, o indivíduo por inteiro. Portanto, é importante que a percepção do professor de Educação Física dentro da escola saia da superficialidade de conteúdos voltados para técnicas, como se houvesse uma “receita de bolo” que não serve para educar de verdade, mas somente instruir o homem como um ser que não tem nenhuma relação com o social (MEDINA, 2007).

3.3. Relações dos Professores Entrevistados com os Esportes Alternativos

Serão abordadas nesta fase três perguntas que tem total relação com o tema deste trabalho. Para efeito de conhecimento as questões discutidas nesta etapa diz respeito unicamente à ação dos esportes alternativos no ensino médio na visão dos professores. Será abordado aqui a questão 3 (Qual a sua opinião acerca dos esportes como conteúdo da Educação Física escolar?), a questão 4 (Já chegou a ensinar um esporte nunca praticado antes por seus alunos em suas aulas? Se sim, qual?) e a questão 6 (A escola em que atua tem condições e estrutura para oferecer aos alunos a possibilidade de vivenciarem esses esportes alternativos?). Cada questão será abordada de maneira segmentada, onde poderemos dar uma maior atenção aos principais pontos suscitados em cada uma delas.

Iniciamos esta etapa com os principais comentários dos professores referente à questão 3. Isso nos possibilitará a ter uma ideia ampla se os professores concordam com esse tipo de conteúdo em suas aulas. O que já é um ótimo ponto de partida para a interpretação dos dados obtidos.

Quadro 03 – Discurso dos professores acerca dos esportes alternativos como conteúdo na Educação Física escolar (questão 3).

Entrevistados	Discurso
Professor 1	Ó, eu vejo assim, eu tenho uma dificuldade enorme de ver o esporte e a educação física. [...] a população em geral associou a educação física ao esporte e eu vejo a educação física, como o próprio nome está dizendo, educar o físico, entendeu? E o esporte eu já acho que é um passo além da educação física, sabe. [...] quando eu comecei a dar aula para o ensino médio, eu vi essa dificuldade de exercício de coordenação motora, de flexibilidade, de alongamento, exercícios básicos que teriam de ser trabalhados lá no ensino fundamental [...] Então, nas minhas aulas a gente não trabalha esporte, a gente trabalha educação física.
Professor 2	A gente tem condições de trabalhar, não no “quarteto fantástico”, que as escolas colocam pra gente. Você vai pra uma escola hoje dar aula, você tem uma quadra, tem bola de futebol, vôlei, basquete e hande, como se a educação física fosse só isso, e não é. A gente tem que explorar mais as coisas que a gente pode fazer. Tem tantos jogos que a gente pode orientar [...] Eu vi uma reportagem há um tempo, uma psicóloga, psicoterapeuta, [...] ela falando que a culpa dos alunos da rede pública gostarem apenas de funk, isso era muito em parte culpa das escolas, culpa dos professores de educação física [...] se nós, professores de educação física, trabalhássemos outros ritmos musicais

	em nossas aulas os alunos teriam mais opções para escolher, como não trabalhamos na escola e muitos só tem o que a escola mostra, eles escolhem só o funk. [...] desde quando eu estava na faculdade eu ouço essas histórias de rolar bola, de professor de educação física ficar sentado na sombra, entregar a bola para os alunos e falar que tá dando aula livre. Então a educação física tem muito que melhorar.
Professor 3	Necessária pra pelo menos conhecer alguma coisa ou motivar, ter o interesse em praticar alguma coisa fora da escola.
Professor 4	Excelente! Assim, de uma importância muito grande o esporte. Porque dentro do esporte a gente trabalha regra, a gente trabalha cooperação, a gente trabalha união, espírito em equipe, respeitar a regra. Então assim, o esporte é muito bom pra ser trabalhado dentro da sala, pra gente ter a partir dali princípios éticos, e fora os benefícios físicos. Apesar de que no ensino médio, uma vez por semana, você não vira atleta. Não tem como isso. Essa visão de atleta perdeu-se, mas eu acho importantíssimo a gente trabalhar.

Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

Observamos no discurso dos professores uma aceitação em relação a variedades de esportes como conteúdo na Educação Física escolar, porém, vale ressaltar que, dos quatro professores entrevistados, somente três acharam o esporte importante para ser aplicados aos alunos. Já o professor 1 (P1), demonstrou em sua fala certo receio em relação ao esporte na instituição escolar que, segundo ele tem:

“uma dificuldade enorme de ver o esporte e a educação física. [...] a população em geral associou a educação física ao esporte e eu vejo a educação física, como o próprio nome está dizendo, educar o físico, entendeu? E o esporte eu já acho que é um passo além da educação física, sabe” (**Professor 1**).

O mesmo ressalta em sua fala uma maior atenção para as atividades físicas com o intuito de treinar o físico para as necessidades funcionais do dia a dia, dando principal ênfase para a educação do físico, que segundo ele, retrata a Educação Física.

“[...] quando eu comecei a dar aula para o ensino médio, eu vi essa dificuldade de exercício de coordenação motora, de flexibilidade, de alongamento, exercícios básicos que teriam de ser trabalhados lá no ensino fundamental [...]” (**Professor 1**).

A compreensão que nos leva a partir da visão do P1 é que seus conteúdos são quase sempre voltados para exercícios funcionais. Essa é uma visão reducionista da Educação Física, haja vista que podemos trabalhar aspectos funcionais e ainda mais amplos utilizando

esportes, jogos, atividades alternativas, entre outros tantos conteúdos que a disciplina Educação Física pode abarcar. Ao refletirem sobre os dados coletados, Santos e Nista-Piccolo (2011, p.71), observa que:

[...] as tendências didático-pedagógicas sofreram e ainda sofrem influência das correntes médica, militar e esportiva no tratamento da saúde nos programas de Educação Física escolar, demonstrando um cenário que implica as atividades físicas e esportivas como componentes para a obtenção e promoção da saúde.

Portanto, limitar a Educação Física somente ao físico como obtenção da saúde é uma visão reducionista, que vem persistindo desde o início dessa disciplina, deixando de lado uma visão mais ampla de que a saúde do indivíduo é composta por questões micro e macros determinantes, sendo elas: social, cognitivo, cultural, emocional, socioeconômico, etc. Os autores ainda ratificam que “para se ter uma visão inovadora no tratamento da educação para a saúde como conteúdo da Educação Física escolar é importante que se tenha uma visão global e unificadora da saúde”(SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011, p. 71).

A visão do “educar o físico” utilizado pelo P1 para definir a Educação Física, desconsidera pilares importantes na formação de qualquer indivíduo. Medina (2007, p. 78), ao falar da concepção Educação Física Convencional, afirma que:

O seu conceito básico é que a Educação Física se constitui numa "educação do físico". Claro está que uma tal educação é muito mais um adestramento do que educação propriamente dita, no sentido apresentado no terceiro item do capítulo 2. Sua preocupação fundamental é com o biológico, com os aspectos anátomo-fisiológicos. Preocupa-se com os aspectos físicos da saúde ou do rendimento motor do homem. Os adeptos dessa concepção definem a Educação Física simplesmente como um conjunto de conhecimentos e atividades e específicas que visam ao aprimoramento físico das pessoas.

Entendemos que os conteúdos aplicados pelo P1 instigam nos alunos uma melhora na coordenação motora, na melhora do físico e nos sistemas fisiológicos, segue certa lógica que resulta em benefícios, todavia, como já abordado anteriormente, restringir as suas aulas do início ao fim do ano letivo somente a esses conteúdos é querer limitar demasiadamente a Educação Física escolar a uma lógica de reduzir o sujeito à “saúde do corpo”¹⁹. Sendo assim, um professor pode trabalhar uma gama de conteúdos que também levarão a manifestação dos mesmos benefícios sem precisar se restringir somente a um específico além de poder trabalhar diversos outros fatores que também influem no indivíduo.

Já os outros três professores tentaram expressar claramente a importância das variedades de esportes como conteúdo escolar beneficiando aspectos morais e éticos, e ainda

¹⁹ Termo bastante utilizado no subcapítulo do referencial teórico, a saber: Contexto Histórico da Educação Física.

foram além, eles evidenciaram a importância da Educação Física como agente atuante na decisão do gosto esportivo e do gosto musical na vida do aluno, entre outros gostos, gerando resultados na vida adulta. O professor 2 (P2) e a professora 3 (P3) relataram em suas falas que a prática de variados conteúdos interferem diretamente na vida do aluno fora da escola, ou seja, optando por escolher e praticar determinada modalidade, atividade física, esportes, entre tantas outras opções que os alunos poderiam ter conhecimento a partir de uma boa aula ministrada pelo professor de Educação Física.

“se nós, professores de educação física, trabalhássemos outros ritmos musicais em nossas aulas os alunos teriam mais opções para escolher, como não trabalhamos na escola, e muitos só têm o que a escola mostra, eles escolhem só o funk” (**Professor 2**).

“Necessária pra pelo menos conhecer alguma coisa ou motivar, ter o interesse em praticar alguma coisa fora da escola” (**Professora 3**).

A Educação Física, portanto, é uma disciplina que abrange variadas possibilidades de fazer com que os alunos usufruam uma ampla esfera de conteúdos como as danças, os esportes, os jogos, as lutas, ou seja, um leque de possibilidades culturais, para que assim possam internalizar diversos conhecimentos em benefício ao desenvolvimento do senso crítico, do empoderamento e da autonomia, que englobarão em seus estilos de vida fora da escola (FORTES, M. O; AZEVEDO, M. R; KREMER; HALLAL, 2012). Portanto, o que os entrevistados P2 e P3 expressam em suas falas é exatamente a necessidade do professor de Educação Física saber compreender e ter uma visão dos seus conteúdos, interpretando e relacionando com a vivência dos alunos pós-escola. Pois, se só trabalhamos um tipo de conteúdo específico, com certeza os alunos terão menos compreensão das possibilidades motoras, culturais, sociais e emocionais, que o mundo pode oferecer-lhes.

Além disso, a professora 4 (P4) ressaltou que o trabalho com conteúdos esportivos são meios onde pode-se suscitar nos alunos características essenciais para um indivíduo que irá se inserir como um cidadão atuante em determinada sociedade.

“[...] dentro do esporte a gente trabalha regra, a gente trabalha cooperação, a gente trabalha união, espírito em equipe, respeitar a regra. [...]o esporte é muito bom pra ser trabalhado dentro da sala, pra gente ter a partir dali princípios éticos, e fora os benefícios físicos.” (**Professora 4**).

Conforme abordado pela P4, o esporte quando bem trabalhado pelo professor, pode fomentar “[...] princípios éticos, e fora os benefícios físicos”. Para Oliveira (2001, p.114) o professor de Educação Física deve:

[...] ensinar o basquetebol, o voleibol (a dança, a ginástica, o jogo...) visando não apenas o aluno presente, mas o aluno cidadão futuro, que vai partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais de atividade física. Por isso na Educação Física Escolar, o esporte não deve restringir-se a um “fazer” mecânico, visando um rendimento exterior ao indivíduo, mas tornar-se um “compreender”, um “incorporar”, um aprender atitudes, habilidades e conhecimentos, que levem o aluno a dominar os valores e padrões da cultura esportiva.

Portanto, o esporte quando bem trabalhado permite que o professor construa juntamente com o aluno um significado para determinado conteúdo, fazendo com que a atividade seja intensamente vivida pelo aluno presente e gere benefícios, não somente físicos, mas os benefícios importantes para o desenvolvimento e a formação do indivíduo como um todo. Portanto, partindo dessa reflexão, é a forma como o professor ministra o conteúdo esportivo, deixando de lado o tecnicismo e o alto rendimento, e adotando para si estratégias metodológicas de ensino que irá buscar “papel fundamental no trato pedagógico do esporte, objetivando o ensino do próprio esporte (saberes a respeito das modalidades, desenvolvimento motor/técnico e cognitivo/tático), bem como o ensino através do esporte (valores e atitudes)” (FORTES, M. O; AZEVEDO, M. R; KREMER; HALLAL, 2012).

Outro ponto evidenciado em suas falas mostra que o trabalho com esportes alternativos foge dos conteúdos predominantemente tradicionais que permeiam a Educação Física, tornando-se então, uma ótima ferramenta que fornece novos aprendizados para os alunos como demonstra a P4.

“Excelente! Assim, de uma importância muito grande o esporte. [...] Essa visão de atleta perdeu-se, mas eu acho importantíssimo a gente trabalhar” (**Professora 4**).

E não somente isso, o P2 procurou esclarecer que os únicos materiais encontrados nas escolas para trabalhar a Educação Física com os alunos estão voltados para o futebol, o basquete, o vôlei e o handebol, demonstrando uma forte tendência a esses esportes tradicionais já enraizados na cultura brasileira. O mesmo ainda evidencia a necessidade de se pensar nas tantas possibilidades que podem ser vivenciadas na Educação Física escolar.

“A gente tem condições de trabalhar, não no “quarteto fantástico”, que as escolas colocam pra gente. Você vai pra uma escola hoje dar aula, você tem uma quadra, tem bola de futebol, vôlei, basquete e hande, como se a educação física fosse só isso, e não é. A gente tem que explorar mais as coisas que a gente pode fazer. Tem tantos jogos que a gente pode orientar [...]” (**Professor 2**).

Apesar de o conteúdo esportivo ser hegemonia na Educação Física escolar, ele só apresenta, predominantemente, o famoso “quarteto fantástico”, que consiste no futebol, basquete, vôlei e handebol. O que ocorreu foi que o processo de esportivização, como abordado em um dos capítulos deste trabalho, que influenciou significativamente na transição

dos esportes que eram voltados para a elite e passaram a popularizar-se, atingindo a grande massa da sociedade com a força midiática do Estado. Como exemplo, restringimo-nos ao futebol, que passou por esse processo de popularização e foi tido como um símbolo nacional, sendo utilizado como instrumento de manipulação e enraizado nas camadas da sociedade brasileira (BRACHT, 2005). Logo, o P2 enfatizou muito bem ao abordar sobre a superioridade dos quatro esportes mais ensinados nas aulas de Educação Física, dizendo que: “[...] você tem uma quadra, tem bola de futebol, vôlei, basquete e hande, como se a educação física fosse só isso, e não é”, sendo assim, o que encontramos hoje não é predominância real de uma variedade de conteúdos esportivos, pelo contrário, se o conteúdo esportivo se restringe somente ao “quarteto fantástico”, conseqüentemente, temos uma visão muito reduzida do que realmente é o esporte trabalhado de forma pedagógica na escola.

Se por um lado preocupa a hegemonia do esporte enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, por outro é preciso entender o potencial educativo que essa prática agrega. A Pedagogia do Esporte, como área de conhecimento, vem crescendo muito no âmbito da Educação Física (FORTES, M. O; AZEVEDO, M. R; KREMER; HALLAL , 2012, P. 75).

Sendo assim, tendo em vista as dificuldades e possibilidades evidenciadas pelos professores e discutida anteriormente, após cada um ter expressado a sua opinião em relação aos esportes alternativos como conteúdos no ensino médio, iremos prosseguir com a reflexão a partir da questão 4 - que tenta extrair do professor as vezes que ele já chegou a ministrar esse tipo de conteúdo - evidenciada no quadro abaixo.

Quadro 04 – Discurso dos professores a respeito de já terem ministrado algum esporte diferente em suas aulas (questão 4).

Entrevistados	Discurso
Professor 1	Que eu saiba, que eu lembre assim de cabeça, não. É mais voltado para as atividades físicas mesmo, a não ser que a você pegue assim, igual à gente bota na tarefa da gincana que eles têm um treinamento, uma preparação antes e você pega um cabo de guerra da vida que é uma coisa não tradicional, eu não sei nem se chega a ser esporte, mas ai de repente em algum país ou em algum lugar... o cabo de guerra seria uma alternativa pra você botar como esporte não praticado. Mas no resto, não. Não teve nada assim, não.
Professor 2	No ano passado alguns alunos da unb vieram dar aula aqui e trouxeram propostas novas que foi o rugby e o Ultimate Friesbee. Eles trouxeram para cá, os alunos se

	amarraram, era uma experiência nova. Eu coloquei aqui um projeto em horário contrário da educação física, trazendo especialistas de varias áreas. Trouxe especialista de professor de capoeira, a professora de forro lá da unb, [...] veio aqui e ensinou forró para os meninos, eles se amarraram. Teve uma menina que eu trouxe também para uma dança ragga, [...] Tem uma professora que dar aula aqui de zumba que veio também, de judô... Levamos os alunos para o caiaque, para andar de bicicleta na floresta nacional. Trouxemos uma empresa de patins, pra ensinar os alunos a andarem de patins aqui na escola, eles ficaram aqui durante uma semana.
Professor 3	Badminton.
Professor 4	Sim, ano passado mesmo. Eu gosto de trabalhar muito esportes olímpicos para que eles possam assistir as olimpíadas e entender o que eles vão ver lá. Então, ano passado eu trabalhei com eles o rugby, tudo adaptado a minha realidade, com a quadra descoberta onde só tem cimento, mas nós trabalhamos rugby, trabalhamos roquei sobre grama, trabalhamos esgrima e tênis. Essas quatro modalidades a gente trabalhou para que eles possam assistir e falar: “A, eles estão jogando isso, a regra é essa”. “A, ele errou por causa disso”. “Marcou ponto, não marcou”. Então pra eles terem essa vivência.

Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

No que concerne à aplicação dos esportes alternativos nas aulas de Educação Física, alguns professores relataram em suas entrevistas um primeiro contato com determinado esporte que fuja dos tradicionais. Já outros, têm demonstrado em suas falas uma ampla aplicação desses conteúdos em suas aulas levando a vivencia de variados esportes. Os dois professores que expressam mais intimidade em relação a esses conteúdos, atestam em suas falas uma diversidade de ideias que utilizaram em suas aulas para relaciona-las com esportes nunca antes praticados pelos seus alunos.

“No ano passado alguns alunos da unb vieram dar aula aqui e trouxeram propostas novas que foi o rugby e o Ultimate Friesbee. Eles trouxeram pra cá, os alunos se amarraram, era uma experiência nova” (**Professor 2**).

“[...] Eu gosto de trabalhar muito esportes olímpicos para que eles possam assistir as olimpíadas e entender o que eles vão ver lá. Então, ano passado eu trabalhei com eles o rugby, tudo adaptado a minha realidade, com a quadra descoberta onde só tem cimento, mas nós trabalhamos rugby, trabalhamos roquei sobre grama, trabalhamos esgrima e tênis” (**Professora 4**).

Notamos certa semelhança nos dois comentários dos professores acima. O rugby foi encontrado nas falas dos dois professores como um dos esportes ministrado em suas aulas. Sendo assim, podemos notar que a prática do rugby vem tendo ascensão como um esporte nas

aulas de Educação Física, não tanto quanto os quatro esportes tradicionais. Os outros esportes citados pelos professores foram: roquei sobre a grama, esgrima, ultimate friesbee e tênis, além da professora 3 que citou o Badminton em suas aulas. Portanto o conteúdo esportivo é amplamente abordado pelos dois professores, atestando em seus comentários que a aplicação desse tipo de conteúdo aos alunos vem com um objetivo específico, além de gerar em novas experiências. Sendo assim, conforme a P4:

“Essas quatro modalidades a gente trabalhou para que eles possam assistir e falar “A, eles estão jogando isso, a regra é essa”. “A, ele errou por causa disso”. “Marcou ponto, não marcou”. Então pra eles terem essa vivencia” (**Professora 4**).

Além dos relatos dos conteúdos esportivos ministrados nas aulas de Educação Física, à também a apropriação de uma diversidade de conteúdos que não se limitam somente ao esporte, como foi observado em um dos comentários do P2.

“[...] Trouxe especialista de professor de capoeira, a professora de forró lá da unb, [...] veio aqui e ensinou forró para os meninos, eles se amarraram. Teve uma menina que eu trouxe também para uma dança ragga, [...] Tem uma professora que dar aula aqui de zumba que veio também, de judô. Levamos os alunos para o caiaque, para andar de bicicleta na floresta nacional. Trouxemos uma empresa de patins, para ensinar os alunos a andarem de patins aqui na escola, eles ficaram aqui durante uma semana.” (**Professor 2**).

Além de trabalhar com conteúdos esportivos que fujam dos tradicionais, o P2 preocupa-se em levar para os seus alunos uma multiplicidade de conteúdos que ultrapassam os esportivos. Essa rede de variedade fornece aos alunos um amplo significado do aprender, além de usufruírem de conhecimentos que podem trazer benefícios sociais, culturais, emocionais, físicos, dentre tantos outros. Essa preocupação em fornecer aos alunos mais do que o sistema escolar oferece, demonstra certa consciência, por parte do professor, de que os alunos têm necessidades específicas e gostos específicos que podem ser descobertos ou trabalhados com uma abundância de conteúdos nas aulas de Educação Física. Coloca-se aqui a necessidade dos professores de Educação Física trabalhar em suas aulas conteúdos voltados para a dimensão da diversidade cultural, utilizando-se como base os temas transversais, fornecendo aos alunos experiências ricas e inovadoras que poderão agregar na vida adulta.

Uma das formas de se trabalhar o tema transversal “Pluralidade Cultural”, na área de Educação Física pode ser por meio de vivências das diferentes “manifestações da cultura corporal”, utilizando para isso os esportes, as danças e as lutas, como forma de conhecê-las e valorizá-las (DARIDO, RANGEL-BETTI, GALVÃO, FERREIRA, MOTA E SILVA, RODRIGUES, SANCHEZ, PONTES, CUNHA, 2001, p. 24).

Portanto, a “pluralidade cultural” visa sair dos conteúdos já existentes e que é predominante na cultura e nas aulas de Educação Física, para poder desenvolver o respeito, a inclusão e a assimilação da compreensão de diversas culturas presentes no Brasil. E isso se daria na utilização de instrumentos que evidenciassem a manifestação de diversos grupos que constituem o Brasil, podendo ser expressos através de danças, lutas e ginásticas, ou seja, instrumentos que mantêm raízes ligadas às regiões de origem (DARIDO, RANGEL-BETTI, GALVÃO, FERREIRA, MOTA E SILVA, RODRIGUES, SANCHEZ, PONTES, CUNHA, 2001).

Dessa forma, sabemos que as aplicações de conteúdos diversificados nas aulas de Educação Física exige determinada estrutura por parte da escola. Não é sempre que um professor de escola publica tem a oportunidade de ter acesso a variados de tipo de materiais para poder usar em suas aulas. Levando em consideração isso, e sabendo da demanda de materiais que a prática de esportes alternativos como conteúdo da Educação Física escolar necessita para serem ministrado, foi formulado uma pergunta para extrair do professor a opinião acerca da influência da estrutura da escola na realização desse tipo de conteúdo. Logo, o quadro a seguir traz as reflexões dos professores acerca dessa questão suscitada.

Quadro 05 – Discurso dos professores acerca das condições e estrutura da escola para que os alunos possam vivenciar variadas práticas esportivas (questão 6).

Entrevistados	Discurso
Professor 1	Aqui tem. Além de estrutura tem apoio. Aqui a direção é, se eu falar que eu quero jogar a pedra na lua o diretor é o primeiro a ir pegar as pedras. Eu não sei como funciona em todas, não é todas que tem a coragem. Vamos supor: aqui na escola a gente tem um projeto que é a gincana, que foi uma ideia comprada há sete anos pela direção. Nós encampamos essa campanha, o projeto, a direção abraçou a ideia e hoje ele é um sucesso, onde tem a participação de noventa e nove por cento dos alunos. É uma gincana que une ensino médio e ensino fundamental, são quatro dias sem aula, onde tem atividades esportivas e culturais [...] Então a gente tenta fazer uma misturada de coisa pra fugir do que eles estão acostumados, e o esporte alternativo é uma representação disso que é tirar eles de uma zona de conforto, sabe. Eu só teria assim, de conhecer mais coisas pra agregar mais coisas a eles.
Professor 2	Eu estava pegando algumas pesquisas, uma pesquisa americana e uma pesquisa aqui do Brasil, com o mesmo objetivo, de dar aula de atendimento hospitalar, primeiro socorros. Você precisava ver como eles investem nos estados unidos, fica parecendo

	<p>uma coisa tão perfeita que chama de verdade a atenção [...] Eu sinto falta de investimento de verdade, quando eu fui agora pra floresta nacional, quase que não da certo porque nós não tínhamos um caminhão [...] Ai precisa de um caminhão, e eu não consegui a encrenca desse caminhão. Fui a alguns setores, ai um não podia porque estava em contenção de despesas, já vinham com aquele papo: “sabe como é que é, a gente esta em contenção de despesas, a crise” [...] Então eu acho que tem que ter um investimento sério, não é um investimento de pintar uma escola, colocar na televisão e falar que investiu numa escola, não. É investir pesado, sabe. É investir em toda a área, sabe. É investir pesado, em toda a área. Investir com vontade de investir, não com o objetivo de aparecer na mídia [...] A nossa quadra, ela já foi condenada por dois engenheiros, parece pouco, mas dois engenheiros vieram aqui e condenaram a quadra. [...] a nossa quadra tem quarenta e poucos anos, quarenta e tantos anos. Foi na época da ditadura militar. Toda furada. Eles colocam remendo, o cimento novo não aguenta, ai começa a ficar o pó, os alunos caem e é cada queda horrível. Será que não tem dinheiro pra arrumar isso, será que não tem ou é falta de vontade? [...]. Isso desmotiva o professor, desmotiva o aluno, desmotiva às vezes quando você vai querer fazer alguma coisa e só encontra porta na cara. Você encontra porta na cara, embora isso não me desestime [...] Ai que acho que nós professores somos culpados. A gente consegue mudar uma realidade, consegue mudar muito. Muito, muito mesmo. Aqui na educação física a gente entrou com uma proposta e a gente muda essa escola. Hoje a gente para, com a nossa gincana, a gente para uma escola inteirinha desse tamanho por uma semana só com atividades [...] Então, a gente consegue mudar sim, consegue mudar a estrutura da escola, a gente consegue fazer o nosso trabalho ser respeitado, não gritando, mas por meio do exemplo. Porque o bom exemplo, não é a melhor maneira de você educar, é a única [...] A gente cria um grupo bom e hoje ninguém olha pra gente com aquelas brincadeiras de “a, picareta”, “a, muito mole”, “educação física é a coisa mais fácil do mundo”. Hoje a gente já tem o respeito, um ou outro pode brincar desse jeito, mas o cenário mudou.</p>
Professor 3	<p>Não. Não tem, porque não tem nem o material básico quanto mais alternativo. Só, tradicional e nem sempre tem. Aqui, se você olhar a minha bola é um lixo. Então, é muito difícil, né. Na verdade eu acredito que a educação física no ensino médio daqui a algum tempo ela nem vai existir. Só no ensino fundamental mesmo, eu acho que tá próximo do fim. Infelizmente.</p>
Professor 4	<p>[...] tudo depende do professor. Quando o professor quer realizar o trabalho, ele realiza, tendo material ou não. Porque ele vai procurar, de uma sucata ele vai fazer alguma coisa. O ano passado a gente trabalhou com raquete de papelão, entendeu. A gente colocou o rugby, a bola a gente fez uma bola oval porque a escola não tem isso, né [...] Nós compramos a raquete, juntei com os alunos, fizemos uma vaquinha e compramos</p>

	<p>as raquetes. Eu tenho quatorze raquete de badminton. Quatorze conjunto. [...] Eu tenho bola de pilates, mas por quê? Porque é um projeto que a gente desenvolveu, então depende do professor, entendeu. Quando o professor quer, ele faz. E quando ele não quer, ele arruma desculpas, né? Porque se você for chegar aqui e a escola falar assim: “a não tem como trabalhar, porque não tem quadra coberta, esse piso não serve, tem bola murcha”. Comece a trabalhar com outras coisas, sabe. Cria. Nós estamos aqui para desenvolver a criatividade do aluno, então eu tenho de ser criativa.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

Três dos quatro professores entrevistados relataram em suas falas que a direção das escolas onde os mesmos atuam oferece total apoio a qualquer tipo de solicitação por materiais que serão necessários para as aulas. O que demonstra uma forte inter-relação e cooperação entre o professor e o grupo responsável pela administração escolar. Outro ponto importante e que evidencia essa cooperação entre professor e direção em prol dos alunos é à realização da gincana.

Os professores 1 e 2 citaram em suas falas o forte peso que a gincana tem nas escolas onde atuam, dando a entender que a cooperação entre direção e professores, quando bem feita, pode superar aspectos estruturais e levar os alunos à uma atmosfera diferenciada do que eles encontram. Portanto, a gincana seria uma forma de escape onde à escola poderia encontrar forças internas provenientes da união dos docentes e discentes, tendo como consequência, um evento com a participação de praticamente todos os alunos. Talvez, a proporção da gincana no âmbito escolar ofereça aos alunos a oportunidade de vivenciarem dimensões dos jogos, dos esportes, das atividades, das ginásticas, das lutas, das brincadeiras e de tantas outras modalidades, que a estrutura escolar não pode oferecer. Mas isso só vem a acontecer, não pelo evento em si, mas pela disposição dos professores em fazer com que aconteça.

“aqui na escola a gente tem um projeto que é a gincana, que foi uma ideia comprada há sete anos pela direção. Nós encampamos essa campanha, o projeto, a direção abraçou a ideia e hoje ele é um sucesso, onde tem a participação de noventa e nove por cento dos alunos. É uma gincana que une ensino médio e ensino fundamental, são quatro dias sem aula, onde tem atividades esportivas e culturais” (**Professor 1**).

“Aqui na educação física a gente entrou com uma proposta e a gente muda essa escola. Hoje a gente para, com a nossa gincana, a gente para uma escola inteirinha desse tamanho por uma semana só com atividades” (**Professor 2**).

Portanto, seria de grande relevância se os professores conseguissem fazer das aulas de Educação Física uma gincana do dia a dia, atraindo a participação dos alunos em quase todas as aulas, e levando para eles uma variedade de conteúdos que os estimulassem a participarem

ativamente dos conteúdos ministrados. Todavia, foi observado nas falas dos professores o provável agente que impossibilitaria a utilização de diferentes propostas alternativas nas aulas de Educação Física. Em certos comentários, alguns professores saíram do aspecto estrutural e levantaram a questão da falta de proatividade de muitos professores em aplicar diversos conteúdos em suas aulas. O que leva a crer que a não utilização de vários esportes alternativos nas aulas de Educação Física não está relacionado à estrutura da escola, a falta de materiais ou a falta de disposição da direção em ajudar, mas a falta de vontade do professor em fazer acontecer.

“Aí que acho que nós professores somos culpados. A gente consegue mudar uma realidade, consegue mudar muito. Muito, muito mesmo. [...] Então, a gente consegue mudar sim, consegue mudar a estrutura da escola, a gente consegue fazer o nosso trabalho ser respeitado, não gritando, mas por meio do exemplo. Porque o bom exemplo, não é a melhor maneira de você educar, é a única [...]” (**Professor 2**).

Quando o professor quer realizar o trabalho, ele realiza, tendo material ou não. Porque ele vai procurar, de uma sucata ele vai fazer alguma coisa. O ano passado a gente trabalhou com raquete de papelão, entendeu. [...] Quando o professor quer, ele faz. E quando ele não quer, ele arruma desculpas [...] Comece a trabalhar com outras coisas, sabe. Cria. Nós estamos aqui para desenvolver a criatividade do aluno, então eu tenho de ser criativa (**Professora 4**).

Como os próprios professores relataram a nossa área é cercada por profissionais que pouco faz jus a função que exercem, transparecendo que os mesmos são os responsáveis pela má fama do “rola bola” que permeia a Educação Física escolar. Todavia, um bom professor sabe que o que qualifica ainda mais a nossa área é a forma, a importância e a intenção que damos para os nossos conteúdos e para os alunos, tendo em vista que, qualquer conteúdo pode ser trabalhado na Educação Física, até mesmo o “rola bola”, contanto que o professor dê um real significado e que o aluno perceba os motivos que permeiam tal movimento, determinada prática e as questões macro que o leva a realizar certa atividade. Sendo assim, o desenvolvimento de atividades que fazem parte do conteúdo abrangente da Educação Física, podem ser naturalmente trabalhadas e abordadas nas aulas de determinado professor à medida que ele se vê como um mediador responsável pela aprendizagem do aluno. Tendo consciência que se faz de extrema importância um melhor empenho em providenciar materiais e aulas diversificadas, gerando como consequência, mudança na realidade e respeito na escola onde o mesmo atua.

Na verdade, os professores podem, em conjunto com os alunos, construir outros conhecimentos que avancem e aprofundem no conhecimento relativo à cultura corporal, com auxílio de pesquisas, pessoas da comunidade e a experiência dos próprios alunos da escola (DARIDO, 2004, p. 77).

Portanto, quando o conteúdo de ensino é bem trabalhado o aluno passa a compreender as relações didáticas que permeiam e fortificam a estrutura do conteúdo. O mesmo, por sua vez, sai de uma condição passiva e que apenas reproduz o que está sendo ensinado, para se tornar efetivamente um atuante consciente da realidade que está sendo proposta pelo professor. Logo, o esporte quando bem trabalhado e adaptado para a realidade da escola e do aluno, pode promover ganhos exponenciais que qualquer outra atividade ou esporte ensinado sem nenhum compromisso por parte do professor poderia trazer.

3.4. Análises dos possíveis fatores que poderiam desmotivar o aluno e se os Esportes Alternativos os motivariam

Levando em consideração a importância do professor no processo de ensino/aprendizagem, mostraremos no Quadro 06 aspectos, segundo os professores, que mais desmotivaria os alunos nas aulas de Educação Física e se os esportes alternativos poderiam contribuir para motiva-los. Portanto, o quadro a seguir está associado a duas questões que os professores tiveram de responder: a questão 2 (O que mais desmotiva os alunos a participarem das aulas de Educação Física?) e a questão 5 (Você acha que os alunos teriam mais interesse em participar das aulas praticando esportes alternativos, ou seja, esportes de outros países e outras culturas?).

Quadro 06 – Discurso dos professores a respeito do que mais desmotiva os alunos nas aulas de Educação Física (questão 2). E quanto ao interesse dos alunos em participar das aulas tendo como conteúdos Esportes Alternativos (questão 5).

Entrevistados	Discurso	
	O que mais desmotiva os alunos nas aulas de EDF?	Os Esportes alternativos os motivariam?
Professor 1	[...] hoje em dia, a dificuldade de material e essa questão da aula de educação física está dentro da grade horária [...] a motivação era bem maior no horário contrário do que agora dentro da grade. E outra coisa, o tempo é curto. [...] E alguns vêm com o vício de que a educação física é	Com certeza, se a gente tivesse a possibilidade de fazer, de trazer esses esportes alternativos, algumas coisas totalmente fora do padrão [...] a gente tá acostumado, principalmente os homens, futebol. Aula de educação física é aula de futebol, sabe. E se você conseguisse colocar na cabeça dele alguma outra coisa que não fosse isso,

	bola. E a educação física pra mim é bem mais do que isso.	seria legal. Falta cultura nossa a gente mudar esses conceitos.
Professor 2	[...] falta de um local adequado [...] desmotiva a mesmice, você chegar pegar a bola e entregar para o aluno, ele não respeita a matéria e fica desmotivado também, porque não é todo mundo que gosta de jogar bola. [...] Porque o aluno ver vôlei, futebol, basquete e hande na quinta, na sexta, na sétima e na oitava, no primeiro, no segundo e no terceiro ano do ensino médio [...] porque é uma vez por semana [...] Falta de estrutura nas escolas, de investimento mesmo, sabe, de vontade.	[...] eu acho que essas experiências, são elas que vão orientar o jovem para que ele tenha a maior quantidade de experiências motoras e na vida adulta ele possa optar por alguma dessas vivências que ele teve no ensino médio [...] Agora se ele só tem mesmo os atletas daqui, só tem as experiências do “quarteto fantástico” [...] As pessoas param de praticar e começam a entrar em outro ritmo, agora se ela tem uma experiência que nem a gente fez agora na floresta nacional de pedalar no mato, que retorno bacana [...] dá pra fazer porque, eu sou suspeito pra falar, mas eu acho que a educação física é uma das disciplinas mais importantes do currículo escolar.
Professor 3	A nova vida deles, né. Sedentarismo mesmo deles e muitos alunos fumam, bebem e não querem praticar nada.	Talvez, a maioria quase absoluta ainda prefere o futebol e voleibol.
Professor 4	Nossos alunos já estão muito desmotivados pra tudo [...] Que eu acho que um professor que é criativo e dá um conteúdo que o aluno ver que ele estava sendo valorizado, ele participa [...] quando ele ver que é uma atividade legal e bacana, ele se envolve e faz.	É importante para o aluno. Nós estamos trabalhando com aluno de ensino médio. O aluno tem que ter uma formação para o mundo, então não é só a modalidade voleibol, entendeu. Então, quando a gente trabalha outra cultura a gente traz isso também. Eu vou trabalhar agora a África pra valorização dos negros [...] Vamos trabalhar capoeira porque faz parte da nossa cultura, né. Então eu acho muito importante a gente trabalhar outra cultura pra eles visualizarem que o Brasil tem diferença de outros lugares, mas pode ser igual.

Fonte: Elaborado pelo autor Moura (2017).

Podemos ressaltar que na reflexão do P1 foi evidenciado um ponto interessante que os outros três professores não abordaram de forma tão explícita. Quando perguntado sobre os fatores que mais desmotivam os alunos, o professor relatou que a grade horaria é um dos principais causadores da desmotivação dos mesmos. Já o P2, não deixou tão claro a questão do tempo, mas, em uma breve fala sua, foi perceptível como uma dos fatores da desmotivação dos alunos, a Educação Física ser uma vez por semana. Portanto, ainda segundo o discurso do P1, o tempo e a quantidade de aulas faz com que os alunos percam o interesse nas aulas de Educação Física. Segundo o mesmo professor, a Educação Física no horário contrário detinha um maior tempo para trabalhar com os alunos determinado conteúdo e extrair um maior interesse deles.

Segundo o discurso de três dos quatro professores entrevistados, uma das principais causas que resultaria na desmotivação dos alunos seria a falta de variedade nas aulas de Educação Física. Ou seja, a perpetuação dos mesmos conteúdos tradicionais nas aulas de Educação Física e, por consequência, uma limitação de diversidades de conteúdos, acabam ocasionando na desmotivação dos alunos. O P2 deixa muito claro quando relata em sua fala que esses conteúdos são ensinados em quase todas as séries que o aluno passa o que pode levar a uma desmotivação por conta de um conteúdo repetitivo e que acaba perdendo o sentido de ser ensinado.

“[...] desmotiva a mesmice, você chegar pegar a bola e entregar para o aluno, ele não respeita a matéria e fica desmotivado também, porque não é todo mundo que gosta de jogar bola. [...]o aluno ver vôlei, futebol, basquete e hande na quinta, na sexta, na sétima e na oitava, no primeiro, no segundo e no terceiro ano do ensino médio”
(Professor 2).

A prevalência dos esportes tradicionais não é um assunto recente em nossa área, alguns autores já vêm alertando sobre o ensino demasiado desses esportes com o fim em si mesmo. O sistema de ensino reduz a Educação Física somente aos quatro esportes mais populares no Brasil, e ainda por cima, os professores contribuem no fortalecimento desses esportes no ensino básico “O problema é quando ela é repetida para todos os alunos, independentemente da faixa etária e quando ela se repete ano após ano, sem alterações. Pior ainda é quando ela fica apenas no papel, e os alunos veem apenas uma modalidade durante todo o ano” (BETTI, 1999, p. 28). O que é totalmente o inverso do que os PCN`s e os PPP`s de cada escola vem a oferecer. O aluno é obrigado a ver os mesmos conteúdos e as mesmas orientações, da quinta série ao terceiro ano do segundo grau, tendo poucas oportunidades de vivenciar o lúdico, atividades alternativas, variados tipos de esportes, a ginásticas, entre um

mundo de conteúdo que poderiam ser trabalhados com cada turma específica. Santos e Nista-Piccolo (2011, p.75), afirmam que “os principais conteúdos das aulas de Educação Física no Ensino Médio são os esportes coletivos, considerados tradicionais (handebol, voleibol, basquetebol e futebol)”.

Deve-se notar que nos comentários que eram referentes à desmotivação nas aulas de Educação Física e a motivação dos mesmos por conta dos esportes alternativos, encontramos uma prevalência na referência aos esportes tradicionais. Sem dúvida os professores veem os esportes tradicionais como predominante nas aulas de Educação Física e uma das principais causas do desinteresse da turma. Começamos a perceber que o principal mediador entre os conteúdos e a motivação dos alunos é o próprio professor e não simplesmente os esportes tradicionais em si. Sendo assim, não são os esportes os principais causadores da desmotivação dos alunos, mas a maneira pedagógica que o professor utiliza em suas aulas e a falta de progressão de conteúdos da Educação Física no ensino básico.

A compreensão limitada do tema esporte tem levado muitos professores a confundirem os objetivos da instituição escolar com os objetivos da instituição esportiva, confundirem também o papel de educador com o de treinador, de aluno com atleta, de educação com treinamento (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011, p. 74).

Assim, os esportes alternativos vêm como uma ferramenta necessária para motivar os alunos a participarem ainda mais das aulas e romper com o ensino dominante dos conteúdos tradicionais na escola, lógico, sem excluir, de forma alguma, esses conteúdos do ambiente escolar. Portanto, deve-se ter em mente que o fator motivacional não estará somente centrado no sujeito aluno, pelo contrário, quando temos a compreensão que a motivação está também relacionada com fatores externos e com a forma como o professor se porta diante de uma turma, com seus conteúdos e ao ministrar uma aula, é que podemos compreender a necessidade de ultrapassarmos os limites de um mero conteúdo ministrado, para uma aula verdadeiramente ensinada e que tenha um real significado para o aluno, fazendo com que ele reflita criticamente as questões que envolvem determinada atividade.

Uma pessoa é motivada, em qualquer momento, por uma variedade de fatores internos e externos. A força de cada motivo e o padrão de motivos influi na maneira como vemos o mundo, nas coisas em que pensamos e nas ações em que nos empenhamos (MURRAY, 1983, p. 22).

Se os professores dessem uma maior atenção a motivação dos alunos como feedback de suas aulas, com certeza o mesmo teria uma visão mais clara do que poderia ser modificado e qual a melhor forma para que determinado processo fosse ensinado. Ou seja, em qualquer

situação na interação professor e aluno, e na relação de ensino e aprendizagem, o melhor meio para se alcançar uma execução bem sucedida nesse processo é a motivação com a sua capacidade de interferir em diversas formas no comportamento (GOUVEA, 1997). No estudo de Hino, Reis e Rodriguez- Añes (2007, p. 29), foi observado que:

Os professores destinaram uma pequena proporção da aula motivando os alunos e grande parte do tempo a observação da aula e realização de outras tarefas não pertinentes ao contexto. De fato, a elevada parte do tempo dos professores atribuída a outras tarefas indica certo descaso com a aula de Educação Física por parte destes.

Sendo assim, o que foi testemunhado nos comentários dos professores em relação à motivação dos alunos, não se diferencia do que foi encontrado no estudo citado acima. Portanto, à medida que o professor passa a perceber a sutileza do surgimento da desmotivação nos alunos a partir de uma aula, é que ele vai compreendendo e alterando seus conteúdos, a metodologia e a comunicação para gerar maior interesse através de um novo jeito de ensinar. Por isso, os esportes alternativos serviriam como um instrumento, assim como vários outros, para fomentar riquezas corporais, experiências para a vida adulta, uma visão mais ampla sobre o mundo e suas culturas, mais autonomia, senso crítico aguçado e empoderamento através de variados esportes vivenciados.

A intenção não é ensinar a praticar determinadas modalidades esportivas e conhecer apenas suas formas, suas aplicações e organizações, mas o papel é fazer com que adquiram autonomia para a prática dessas modalidades esportivas com o senso de reflexão crítica sobre como, quando, onde e para que elas se manifestam nas mais variadas situações, nesse caso, no cenário escolar (SANTOS; PICCOLO, 2011, p.66).

Portanto, conforme o comentário dos mesmos professores, os Esportes Alternativos serviriam como saída para encontrar nos alunos mais motivação em participar das aulas, tendo em vista que os conteúdos tradicionais já impregnados nas aulas de Educação Física não causam tanto estímulo como nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim sendo, os esportes alternativos são qualificados pelos professores como ferramentas importantes no processo motivacional dos alunos, tendo em vista que uma ampla variedade de conteúdos poderia atingir diversos gostos. Além disso, os alunos do ensino médio necessitam de novas experiências que possibilitem os mesmos praticarem fora da escola e, até mesmo, na vida adulta algum tipo de dança, luta, ginástica, meditação e esportes. Para os professores, essas novas experiências podem estimular nos alunos a compreensão de que existem “n” possibilidades de praticar alguma atividade física, esportes, modalidades alternativas, etc., que

agreguem na sua vida adulta, gerando assim, um resultado mediado através da Educação Física.

“Com certeza, se a gente tivesse a possibilidade de fazer, de trazer esses esportes alternativos, algumas coisas totalmente fora do padrão [...]E se você conseguisse colocar na cabeça dele alguma outra coisa que não fosse isso, seria legal”
(**Professor 1**).

“eu acho que essas experiências, são elas que vão orientar o jovem para que ele tenha a maior quantidade de experiências motoras e na vida adulta. Ele possa optar por alguma dessas vivências que ele teve no ensino médio [...] As pessoas param de praticar e começam a entrar em outro ritmo se ela tem uma experiência que nem a gente fez agora na floresta nacional de pedalar no mato, que retorno bacana [...]”
(**Professor 2**).

“É importante para o aluno. Nós estamos trabalhando com aluno de ensino médio. O aluno tem que ter uma formação para o mundo, então não é só a modalidade voleibol, entendeu. Então, quando a gente trabalha outra cultura a gente traz isso também [...] Então eu acho muito importante à gente trabalhar outra cultura pra eles visualizarem que o Brasil tem diferença de outros lugares, mas pode ser igual”
(**Professora 4**).

Notamos que os professores acham importante para o aluno a pratica de variados conteúdos esportivos nas aulas de Educação Física. Assim, podemos analisar que nos comentários anteriores foi associado à imagem do professor com a desmotivação dos alunos, levando a crer que, mesmo com um leque de possibilidades dispostos para o uso do professor, ele prefere deixar grande parte da turma desmotivada com os mesmos conteúdos ensinados anos após anos.

Considerando-se o compromisso de oportunizar o acesso a variadas manifestações da cultura corporal, sob a perspectiva de vivenciá-las, analisá-las e compreendê-las, preocupa o fato de que a realidade analisada evidencia a pequena diversidade de conteúdos e, principalmente, o baixo envolvimento do professor no trato dos conteúdos (FORTES, M. O; AZEVEDO, M. R; KREMER; HALLAL , 2012, p. 76).

No Quadro 05, a P4 deixa claro que a criatividade dos professores podem superar os limites estruturais que a escola venha a oferecer, já o P2, reflete acerca dos profissionais ditos “picaretas” em nossa área e na capacidade do professor de educação física em mudar a realidade onde atua, mas isso só depende dele mesmo. No Quadro 03, o P2 demonstra em sua fala que nós, professores de Educação Física, somos um dos responsáveis em refletir juntamente com os alunos determinados gostos musicais e isso só é possível à medida que você traz diversos conteúdos, pois a dança e a musica estão incluídos nessa diversidade. E no Quadro 02, a desvalorização da Educação Física, segundo o relato da maioria dos professores, está fortemente associada com a atuação do professor em suas aulas. Já neste último quadro, foi evidenciado que o agente por de traz dos conteúdos repetitivos e pela desmotivação dos

alunos, é o professor de Educação Física. Sendo assim, ao mesmo tempo em que o professor pode ser a chave para uma área mais valorizada e respeitada, ele também pode desvalorizá-la através de um comportamento cômodo e que acaba desmotivando o aluno, gerando uma “bola de neve” na má qualidade no processo de ensino e de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi mostrado neste estudo aspectos que concerne a Educação Física escolar e que estariam associados com os Esportes Alternativos, onde procuramos saber a importância desse tipo de conteúdo no processo de ensino/aprendizagem do aluno do ensino médio das escolas públicas do Guará-DF. Foi evidenciado na apresentação e análises dos resultados questões que poderiam estar relacionadas com a aplicação do conteúdo esportivo nas aulas de Educação Física na escola.

Portanto, é necessário que o professor compreenda que ele é um dos pilares fundamentais no ambiente de ensino em que atua e que, percebendo o detalhe da turma, assim como as emoções específicas que são manifestadas na juventude do ensino médio, que ele possa elaborar conteúdos condizentes para estimular a turma através das praticas esportivas, das danças e dos jogos, e que seja tão intenso e significativo, que acabe provocando neles a autonomia de escolher e praticar algum desses conteúdos fora da escola.

É preciso enfim levar o aluno a descobrir os motivos para praticar uma atividade física, favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas para com a atividade física, levar à aprendizagem de comportamentos adequados na pratica de uma atividade física, levar ao conhecimento, compreensão e análise de seu intelecto todas as informações relacionadas às conquistas materiais e espirituais da cultura física, dirigir sua vontade e sua emoção para a prática e a apreciação do corpo em movimento (BETTI, 1992, p. 286).

O esporte deve ser algo tão atraente e positivo para o aluno que provoque nele, de uma maneira independente, a vontade de praticar determinado esporte fora da escola, além de leva-lo para a vida adulta. Mas para isso, se faz necessário que o professor entenda a sua função no processo de ensino e aprendizagem, o quão importante é que ele perceba que o aluno tem anseios, emoções, gostos específicos, personalidade, um biótipo e uma genética única, para assim poder elaborar conteúdo da forma adequada e que condiz com a juventude atual. Para Bracht (1992), o professor deve procurar desenvolver uma pedagogia desportiva que permita que os indivíduos oprimidos tenha acesso a uma vasta cultura esportiva, para que assim possam analisar o conteúdo esportivo de uma maneira critica, além de relaciona-lo e situa-lo ao contexto político, social, econômico e cultural de cada país.

O professor ainda deve estimular nos alunos a manifestação de suas aptidões físicas, cognitivas e motoras, através das práticas esportivas e outras atividades que manifestem a cultura corporal, estimulando sempre a criatividade dos alunos durante a atividade para que os mesmos possam solucionar problemas, como uma forma de superá-los, além da compreensão do que é um trabalho coletivo (SOARES, 1992). Os professores também podem procurar

refletir junto com os alunos e aprofundar mais ainda ao conhecimento relativo à cultura corporal com auxílios de mecanismos que provoque ainda mais novas experiências (DARIDO, 2004). Por isso, os esportes alternativos viriam como instrumentos que dependem de uma postura diferente dos professores, tendo em vista que a aplicação desse tipo de conteúdo faz com que seja necessário o abandono do comodismo e de uma visão mais arcaica, para uma postura mais atuante e uma visão mais pedagógica acerca dos esportes.

Logo, os esportes alternativos demonstraram boa aceitação por parte dos professores entrevistados, além disso, alguns ainda relataram situações de aulas e eventos em que promoveram esse tipo de conteúdo. Então, qual seria a dificuldade que os professores poderiam encontrar ao propor variados esportes em suas aulas, uma diversidade de danças, de lutas e de jogos? Betti (1999, p.28) evidencia as questões que permeiam o professor de Educação Física quando afirma que:

Talvez o receio de mudar ocorra pela insegurança dos professores em relação a conteúdos que não dominam, e desta forma trabalham com o que possuem mais afinidade. Ou por acreditarem que a escola não possui nem espaço. Nem material apropriado, ou ainda por acharem que os alunos não gostariam de aprender outros conteúdos.

Para respondermos a segunda questão norteadora do nosso estudo, se faz necessário entendermos que o ambiente escolar em que o professor de Educação Física se encontra é permeado por diversos fatores que poderiam prejudicar a atuação do professor ao ministrar às aulas, no trato pedagógico e nos conteúdos escolhidos por ele. Devemos ter em mente que questões como a má infraestrutura, a falta de materiais e a pouca importância que os alunos do ensino médio dão a Educação Física escolar – comparado com outras matérias –, onde as outras disciplinas tem mais peso por conta da relevância diante de um vestibular (DARIDO, 1999), tudo isso, poderia ocasionar a desmotivação do próprio professor diante a turma, podendo afetar na participação dos alunos. Esses fatores podem ocasionar o desempoderamento do professor diante de outras áreas de trabalho e, até mesmo, diante de outras disciplinas valorizadas no âmbito escolar.

Sendo assim, apesar dos dados obtidos neste estudo terem demonstrado o professor de Educação Física como o principal empecilho na não aplicação dos Esportes Alternativos nas escolas, apesar dos dados obtidos terem demonstrado que os professores são os principais agentes que ocasionam a motivação ou a desmotivação dos alunos, apesar dos dados obtidos terem apresentado o professor como peça principal que valoriza e desvaloriza a nossa área, apesar de tudo isso, não queremos apontar aqui o professor como o principal causador de

todas as mazelas que a Educação Física encontra no ambiente escolar. Sabemos do esforço que muitos professores de Educação Física têm ao levarem conteúdos novos para os seus alunos, ao insistirem em refletir com eles acerca de determinada atividade, mesmo tendo as condições mínimas para ministrarem uma boa aula diante das necessidades que a turma manifesta.

Observamos que mesmo diante do contexto em que o professor de Educação Física encontra nas salas de aulas e nos espaços destinados à disciplina, mesmo com isso, os professores entrevistados que já aplicaram conteúdos esportivos diferentes para as suas turmas, notaram a forte participação dos alunos nas aulas e a aceitação acerca do conteúdo ministrado, o que já responde a nossa terceira questão norteadora. Portanto, foi notável neste estudo que aspectos como a infraestrutura atrapalham, mas não impede o professor de trabalhar variados tipos de esportes, tendo em vista que os professores entrevistados observaram que cabe aos profissionais da área saírem do comodismo e utilizarem da criatividade para levarem conteúdos novos e que manifestem a cultura corporal acarretando no aprendizado exponencial do aluno.

Também, foi evidente o papel do professor como agente decisivo na motivação dos alunos em suas aulas, onde, se tratando de esportes alternativos, o mesmo deve estar ciente da ampla esfera que o conteúdo esportivo contém, do significado que ele carrega no meio político, no meio econômico e na mídia como um todo. Portanto, para que o conteúdo esportivo seja explorado na mais variada dimensão, abordando não somente esportes da nossa cultura, mas de outros países, para que ele seja usado como uma ferramenta que desperte no aluno a curiosidade em praticar determinado esporte fora da escola e em levar aprendizados que poderão ser utilizados na sua vida como cidadão, para que esses conteúdos provoque na turma a vontade de participar das aulas e de aprender mais e mais sobre determinado tipo de esporte, é necessário que o professor se veja como o agente que irá transformar um esporte de alto rendimento em um instrumento pedagógico e eficiente para provocar no aluno autonomia, empoderamento, senso crítico, além de levar vivências que instigue a inclusão – vencendo preconceitos -, a cooperação e a competição – refletindo sobre o ganhar e sobre o perder -, criando-se um ambiente onde o alunos possam criar novas regras, formas de pontuar ou de se jogar, modificando um pouco a lógica interna do jogo.

Sendo assim, cabe ao professor ser o principal mediador que trará um novo sentido e significado para os alunos, para os professores de outras disciplinas e para aqueles que não veem a importância das aulas de Educação Física nas escolas, utilizando-se da sua própria

criatividade e proatividade para reformular a pré-conceitos já criados em relação a nossa área e desmistificar as formas antigas de se ensinar esportes dentro da instituição escolar.

Logo, respondendo a primeira pergunta norteadora deste estudo, a saber: Os Esportes Alternativos podem ser utilizados no ensino médio como conteúdo escolar? Diante de toda a realidade exposta na apresentação e análise dos dados, podemos concluir que os esportes alternativos estão dentro da cultura corporal, levando em consideração que os mesmos fogem dos tradicionais e proporcionam uma pluralidade de conhecimentos para o aluno. E pelo fato de fugir dos esportes tradicionais, eles podem fazer-se muito bem presente como conteúdos pedagógicos dos professores de Educação Física na escola, além de poderem ser trabalhados sem uma necessidade extrema de materiais, tendo em vista que nem todos os esportes precisam de uma bola, um gol ou uma rede, e que o professor pode utilizar da criatividade juntamente com os alunos para elaborarem um objeto de disputa que poderá ser utilizado nas aulas de determinado esporte alternativo ministrado na aula de Educação Física. Betti (1999, p.30) vem fazer uma reflexão acerca do esporte onde afirma que falta “construir uma nova forma didática de utilização dos esportes na escola que consiga delegar a este fenômeno a tão almejada educação pelo/através do esporte”, e ainda por cima questiona “a pouca utilização de outras modalidades esportivas e outros conteúdos da Educação Física para que a mesma não continue sendo vista como o binômio Educação Física/Esporte e muito menos Educação Física/ "alguns esportes”.

Portanto, não é o futsal, o vôlei, o basquete e o handebol que são os principais pontos fracos da Educação Física escolar, muito menos o esporte como um todo, mas, partindo dos dados coletados, podemos concluir que é a postura do professor, a forma como ele trata o esporte dentro da escola, a pedagogia e as concepções que ele carrega, é todo esse conjunto de subsídios que contornam um bom ou um professor cômodo, que tornará os esportes alternativos importantes no ensino médio como um instrumento capaz de motivar os alunos a participarem mais ativamente das aulas, acarretando neles aprendizados para além da escola, ou seja, para a vida toda. Logo, não podemos nos orientar para o problema, mas, cabe a nós, nos orientarmos para a solução.

Precisamos elaborar “novas” abordagens a partir de nossas experiências práticas, que, com certeza, irão nos remeter a novas questões, considerando cada realidade. Essas novas questões ou problemas não devem ser encarados como empecilhos, e sim como pontos de partida para re-estruturarmos nosso fazer pedagógico cotidiano, pois essa é uma condição normal, “natural”, para quem adota uma postura de constante aprendizado e compreende o movimento eterno do conhecimento, que, por ser reconhecidamente de caráter provisório, está sempre passível de ser re-

significado de acordo com as realidades, concepções e momentos históricos específicos (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007, p.108).

Consideramos como limitações deste estudo a falta do ponto de vista dos alunos acerca dos esportes alternativos como conteúdo da educação física escolar. Além disso, uma intervenção seria um ótimo instrumento para mensurar o nível de motivação dos alunos antes de ser aplicado este tipo de conteúdo e depois da aplicação dos esportes alternativos na aula, assim sendo, teríamos em mãos uma maior precisão da aceitação e participação dos alunos referente aos esportes alternativos. Outra limitação deste estudo seria uma análise mais ampla das escolas do ensino médio envolvendo não somente as escolas do Guará, mas todas as escolas de Brasília e das cidades satélites. Já como questionamento para futuros estudos envolvendo este tema foi pensado se: haveria a possibilidade da sistematização dos conteúdos esportivos voltados para o âmbito escolar com o objetivo de tornar os variados esportes mais acessíveis e práticos para o professor utilizar em suas aulas de Educação Física? Além do mais, será que a partir do momento em que a Educação Física tiver um sentido, como a inserção nas universidades através do esporte, ela seria mais valorizada no âmbito escolar? Portanto, pensamos nestes dois questionamentos como ponto de partida para futuros estudos que possam enriquecer mais e mais a nossa área no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

- AMES, C. **Achievement goal, motivational climate, and motivational processes**. In: ROBERTS, G. C. (ED). *Motivation in sport and exercise*. Champaign: Human Kinetics, 1992, p. 161-176.
- BARBOSA, R. F. M. **Um diálogo sobre a cultura corporal e as dimensões dos conteúdos dentro de uma teia de relações**. *Motrivivência*, Florianópolis, Ano 25, n. 41, p. 281-289, dez. 2013.
- BETTI, M. **Atitudes e opiniões de escolares de 1º grau em relação à Educação Física**. In: XIV SIMPÓSIO DE CIÊNCIA DO ESPORTE. 1986. São Caetano do Sul. Anais. São Caetano do Sul. Celafiscs. Fec. do ABC, 1986. p. 66.
- BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, M. **Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê?** *Rev.Brasileira de Ciências do Esporte*, 13 (2), p. 282-287, 1992.
- BETTI, M. In MOREIRA, W. W. (org). **Educação Física & esporte: perspectivas para o século XXI**/ Ademir Gebara [et al.]; Wagner Wey Moreira organizador. – Campinas, SP: Papirus, 1993.
- BETTI, M. **Valores e finalidades da educação física escolar: uma concepção sistêmica**. *Revista brasileira de ciências do esporte*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994.
- BETTI, Irene Conceição Rangel. **Esporte na escola: mas é só isso, professor?** *Revista Motriz*:volume 1, numero 1, pg. 25 a 31, junho de 1999.
- BETTI, M.; ZULIANI, L.R. **Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas**. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* – 2002, 1(1):73-81.
- BRACHT, VALTER. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2a ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES/CEFED, 1997.
- CANTARINO FILHO, M. R. (1982). **A educação física no Estado Novo: história e doutrina. Dissertação** (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília. In: SOARES, C. L. . *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. 3a. ed. Campinas: Autores Associados, 2004. v. 1. 143p .
- CASTELLANI FILHO, L. **O esporte na Nova República. Corpo e Movimento**, n. 4, p. 7-10, abril, 1985.

CAVIGLIOLI, B. Sport et adolescents. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1976.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

COSTA, C.M. **Educação física diversificada, uma proposta de participação**. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4., São Paulo, 1997. Anais... São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte, 1997. p. 47.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, L. A. (1980). **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. In: SOARES, C. L. . Educação Física: raízes europeias e Brasil. 3a. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

Darido, S. C.; Galvão, Z.; Ferreira, L. A. & Fiorin, G. (1999). **Educação Física no Ensino Médio: Reflexões e Ações**. Revista Motriz, 5 (2)

DARIDO, S. C. **Os conteúdos da educação física escola: influências, tendências, dificuldade e possibilidades**. Perspectivas em Educação Física Escolar, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.

DARIDO, S. C. **A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física**. Revista brasileira de educação física e esporte, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 2004.

DARIDO,S.C. **A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes**. Motriz, Rio Claro, v.11 n.3 p.167-178, set./dez. 2005.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: implicações para a Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

FERNANDES, R. C.; EHRENBERG, M. C. (2012). **Motivação nas aulas de educação física no ensino médio: uma análise na perspectiva dos discentes**. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, Campinas.

Fortes, M. O.; AZEVEDO, M.R; KREMER, Marina Marques; HALLAL, Pedro Curi. **A Educação Física escolar na cidade de Pelotas, RS: contexto das aulas e conteúdos**. Revista da Educação Física (UEM. Impresso). V. 23 p. 69-78, 2012.

FRANCHIN, F.; BARRETO, S. M. G. **Motivação nas aulas de Educação Física: Um enfoque no ensino médio**. In: I SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ESCOLAR, 2006, São Carlos. Anais... São Carlos: CEEFE/USFScar, 2006. Disponível em: < <http://www.eefe.ufscar.br/pdf/fabiana.pdf> >. Acesso em: 27 jul. 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KUNZ, Eleonor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2004. In: FRIZZO, Giovanni. **Os Jogos Escolares como Mecanismo de Manutenção e Eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola**. Movimento (Porto Alegre. Online), v. 19, p. 163-180, 2013.

MARTINELLI, Selma de C; BARTHOLOMEU, Daniel. **Escala de motivação acadêmica: uma medida de motivação extrínseca e intrínseca**. Avaliação Psicológica, v. 6, n. 1, p.21-31, 2007.

MARZINEK, Adriano. **A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física**. 2004.89 f. Dissertação (Pós-graduação em Educação Física) – Universidade Católica de Brasília, Brasília 2004.

MEDINA, J.P.S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. 22^a. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

MURRAY, E. J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

NASCIMENTO, P. R. B. do & ALMEIDA, L. de. (2007). **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades**. Revista Movimento. 13 (03), 91-110

PAES, R.R. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. 1996. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PEREIRA, J.M. **A formação do bacharel em educação física e esporte: em contexto, as disciplinas de voleibol**. Rio Claro: universidade estadual paulista, p. 24. 2004.

REVERDITO, R.S., SCAGLIA, A.J., SILVA, S.A.D., GOMES, T.M.R., PESUTO, C.L., BACCARELLI, W. **Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola**. Pensar a Prática (UFG). v.11, p. 37 - 45, 2008.

ROGERS, C. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1969.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijuí, 1987.

SANTOS, M.A.G.N. ; NISTA-PICCOLO, V.L. **O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública**. *Revista brasileira de Educação Física e do Esporte*, São Paulo, v.25, n.1, p.65-78, jan./mar. 2011 • 6

SANTOS, S. C. **O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”**. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, v. 08, n. 1, janeiro/março 2001.

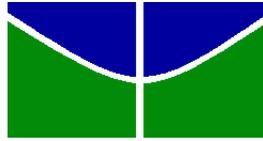
SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 3a. ed. Campinas: Autores Associados, 2004. v. 1. 143p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação : o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo, SP: Atlas, 2008. 175 p.

ZONTA, A. F. Z.; BETTI, M.; LIZ, L.C. **Dispensa das aulas de Educação Física: os motivos de alunas do ensino médio**. In: VIII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. Anais. Lisboa, 2000. Universidade Técnica de Lisboa.

ANEXOS

TERMOS DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) professor para participar do estudo sobre a importância do esporte educacional nas escolas do Distrito Federal, sob responsabilidade do estudante **André Moura Neves**, com orientação da professora **Dra. Cláudia Maria Goulart dos Santos** (matrícula 148318), da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

A referida pesquisa é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física. O estudo tem como objetivo *analisar a importância dos Esportes Alternativos no processo de ensino e aprendizagem nos alunos do ensino médio da rede pública de ensino do DF.*

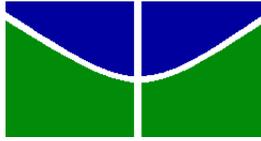
Informamos que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará em qualquer penalidade. A participação consiste em responder a um questionário com 8 (oito) perguntas objetivas. Comprometemo-nos a preservar a identidade dos professores participantes da pesquisa, uma vez que no questionário não há a necessidade de identificação (preenchimento do nome). Além disso, as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a produção deste trabalho e não poderão ser repassadas para outras pesquisas.

Diante do exposto, Eu, _____ (nome do responsável legal), reconheço que fui informado pelo pesquisador sobre as condições de realização da pesquisa e aceito fazer parte deste estudo. Ao mesmo tempo, me comprometo a responder ao questionário apenas com informações verídicas.

Brasília, ___/___/2017.

Assinatura do professor orientador

Assinatura do professor voluntariado



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) professor (a) para participar do estudo sobre a importância do esporte educacional nas escolas do Distrito Federal, sob responsabilidade do estudante **André Moura Neves**, com orientação do professor Dra. com orientação da professora **Dra. Cláudia Maria Goulart dos Santos** (matrícula 148318), da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

A referida pesquisa é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física. O estudo tem como objetivo *analisar a importância dos Esportes Alternativos no processo de ensino e aprendizagem nos alunos do ensino médio da rede pública de ensino do DF.*

Informamos que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará em qualquer penalidade. A participação consiste em responder a seis questões, sendo três delas relacionadas com o tema, de um roteiro de entrevista semiestruturada. Comprometemo-nos a preservar a identidade dos participantes da pesquisa, uma vez que não haverá divulgação do nome dos entrevistados. Além disso, as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a produção deste trabalho e não poderão ser repassadas para outras pesquisas.

Diante do exposto, Eu, _____ (**nome do Professor/Coordenador**), reconheço que fui informado pelo pesquisador sobre as condições de realização da pesquisa e aceito fazer parte deste estudo. Ao mesmo tempo, me comprometo a responder ao questionário apenas com informações verídicas.

Brasília, ___/___/2017.

Assinatura do professor orientador

Assinatura do professor ou responsável

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física

Esta entrevista diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física cujo objetivo é analisar a importância dos esportes alternativos nas aulas de Educação Física no processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas do DF.

Roteiro de Questionário I

1-Sexo: M () F ()

2-Idade _____

3- Tempo de Carreira _____

4-Tempo de Carreira nas escolas públicas _____

5-Já trabalhou em particulares: Sim () Não () Quanto tempo? _____

6- Atualmente você leciona para: (Obs: somente em escolas públicas)

Ensino Médio ()

Fundamental I () II ()

Ensino Infantil ()

EJA ()

7-Tem mestrado /doutorado ou algum outro tipo de especialização na área? Sim () Não ()

8-Tempo de previsão para se aposentar? _____



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física

Esta entrevista diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física cujo objetivo é analisar a importância dos esportes alternativos nas aulas de Educação Física no processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas do DF.

Roteiro de Entrevista

- 1- Na sua visão como professor (a), a Educação Física já conquistou seu espaço no âmbito escolar sendo valorizada pelos alunos como uma disciplina importante no currículo? Se não, qual poderia ser a causa da desvalorização da disciplina? **(pergunta de aquecimento)**
- 2- O que mais desmotiva os alunos a participarem das aulas de Educação Física? **(pergunta que norteia para o tema principal)**
- 3- Qual a sua opinião acerca dos esportes como conteúdo da Educação Física escolar? **(pergunta relacionada ao tema principal)**
- 4- Já chegou a ensinar um esporte nunca praticado antes por seus alunos em suas aulas? Se sim, qual? **(pergunta relacionada ao tema principal)**
- 5- Você acha que os alunos teriam mais interesse em participar das aulas praticando esportes alternativos, ou seja, esportes de outros países e outras culturas? **(pergunta que está diretamente ligado ao tema principal e a questões externas)**
- 6- A escola em que atua tem condições e estrutura para oferecer aos alunos a possibilidade de vivenciarem esses esportes alternativos? **(pergunta relacionada ao tema principal)**